

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**FILIFE LERIAS DORNELES**

**EM NOME DO POVO ROMANO:  
OS USOS DO *POPULUS ROMANUS* NOS “COMENTÁRIOS SOBRE A GUERRA  
GAULESA” DE GAIO JÚLIO CÉSAR**

Porto Alegre

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**FILIPE LERIAS DORNELES**

**EM NOME DO POVO ROMANO:  
OS USOS DO *POPULUS ROMANUS* NOS “COMENTÁRIOS SOBRE A GUERRA  
GAULESA” DE GAIO JÚLIO CÉSAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História pelo curso de Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área de concentração: História Antiga.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

Porto Alegre

2018

## CIP - Catalogação na Publicação

Dorneles, Filipe Lérias

Em nome do povo romano: os usos do populus romanus nos "Comentários sobre a Guerra Gaulesa" de Gaio Júlio César / Filipe Lérias Dorneles. -- 2018. 72 f.

Orientador: Anderson Zalewski Vargas.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. História da Roma Antiga. 2. República Romana. 3. Gaio Júlio César. 4. Roger Chartier. 5. Representação. I. Vargas, Anderson Zalewski, orient. II. Título.

*“Tiveram, pois, quase iguais a estirpe, a idade e a eloquência, foram idênticos na grandeza de ânimo e na glória pares, nela, porém, diversos. César era considerado grande pelos benefícios e pela munificência, Catão pela integridade da vida. Foi o primeiro ilustre pela mansidão e pela misericórdia, ao segundo lhe deu o ser severo, dignidade. César ganhou fama concedendo, socorrendo, perdoando, Catão nada cedendo. Num havia refúgio para os desgraçados, no outro perdição para os maus. De um se aplaudia a facilidade, de outro a constância. César, enfim, impusera a seu espírito o trabalho, a vigília, o abandono de seus negócios para tratar dos amigos, nada negando do que parecia ser digno de dádiva; ansiava por um grande poder, por um exército, por uma guerra só dele, onde o valor lhe pudesse brilhar.”*

Salústio (Conjuração de Catilina)

## RESUMO

Este trabalho analisa os usos do termo *populus romanus* (povo romano) nos “Comentários sobre a Guerra Gaulesa” de Gaio Júlio César. Nesta obra, César apresentou ao povo romano letrado uma justificação de suas ações enquanto procônsul responsável pela anexação da Gália *Comata* ao *imperium romanum*. Os usos do *populus romanus* justificam-se nos *Comentários* tendo em vista a intenção de César de legitimar seu comando militar em nome dos interesses do povo romano, rebatendo assim as críticas que sofria de seus adversários políticos que o acusavam de ter empreendido uma guerra em nome de seus ambiciosos interesses individuais. O referencial teórico utilizado foi o conceito de representação segundo o historiador Roger Chartier. Identifico nos *Comentários* a criação cesárea de quatro representações: o povo romano, ‘César’, os bárbaros e as legiões. A partir destes quatro pilares investigo as maneiras pelas quais César utilizou o *populus romanus* em sintonia com as demais representações. Enquadrei os usos do *populus romanus* em três categorias: diplomacia, guerra e elogio ao povo romano (nesta categoria encontra-se também o elogio ao próprio César).

**Palavras-chave:** História da Roma Antiga; República Romana; Gaio Júlio César; Roger Chartier; representação.

## ABSTRACT

This research analyses the uses of the term *populus romanus* (roman people) in the Gaius Julius Caesar's "Commentaries about the Gallic War". In his masterpiece, Caesar presented to lettered roman people a justification of his actions as proconsul responsible for annexation of *Comata* Gaul to the *imperium romanum*. The uses of *populus romanus* justify themselves in the *Commentaries* in view of Caesar's intention to legitimize his military command on behalf the roman people's interests, answering thereby the attacks he suffered from his political adversaries who accused him to start a war on behalf his ambitious individual interests. The theoretical reference used was the concept of representation according to the historian Roger Chartier. I identify in the *Commentaries* the cesarean creation of four representations: the roman people, 'Caesar', the barbarians and the legions. From these four pillars I investigate the ways in which Caesar used the *populus romanus* according to the other representations. I framed the uses of *populus romanus* in three categories: diplomacy, war and praise to the roman people (in this category there is also the praise to Caesar himself).

**Keywords:** History of the Ancient Rome; Roman Republic; Gaius Julius Caesar; Roger Chartier; representation.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	A GUERRA GAULESA E A CRISE DA <i>SOCIETAS</i> .....	19
2.1	A Guerra Gaulesa.....	19
2.2.	A crise da <i>societas</i> .....	25
3	CÉSAR HISTORIADOR? A NATUREZA LITERÁRIA DOS <i>COMENTÁRIOS</i> .....	28
4	O <i>POPULUS ROMANUS</i> E A DIPLOMACIA.....	36
4.1	O conceito de representação segundo Roger Chartier.....	36
4.2	O conceito de representação segundo Chartier aplicado ao <i>De Bello Gallico</i> .....	37
4.3	O <i>populus romanus</i> e a diplomacia.....	37
5	O <i>POPULUS ROMANUS</i> E A GUERRA.....	46
6	A DEFESA DAS <i>DIGNITATES</i> DO <i>POPULUS ROMANUS</i> E DE CÉSAR.....	56
7	CONCLUSÃO.....	60
	REFERÊNCIAS.....	62
	ANEXO A – MAPA DA GÁLIA SEGUNDO OS <i>COMENTÁRIOS</i> DE CÉSAR.....	66
	ANEXO B – MAPEAMENTO DOS USOS DO <i>POPULUS ROMANUS</i> .....	67

## 1 INTRODUÇÃO

Setenta e nove. Este é o número de vezes que a expressão *populus romanus* (povo romano) foi utilizada por Gaio Júlio César nos seus “Comentários sobre a Guerra Gaulesa”<sup>1</sup>. Quarenta e cinco registros do *populus romanus*, ou seja, mais da metade, estão presentes no primeiro livro da obra, composta por sete<sup>2</sup>. Esta análise estatística chama mais atenção quando observo que o livro III possui apenas um registro, o livro VI somente dois e o livro VII escassos quatro registros. Já o livro II possui dez, o livro IV, oito, e o livro V, nove registros.

O fato de algum dos sete livros apresentar poucos usos do *populus romanus* não torna o respectivo livro e os usos da expressão insignificantes. Afinal, cada entrada do *populus romanus* presente no *De Bello Gallico* ilustra a importância que César atribuiu a esta expressão no conjunto de sua obra. Porém, a repetição frequente do *populus romanus* no livro I (o capítulo quarenta e quatro, por exemplo, apresenta sete registros) foi o ponto de partida para a elaboração do problema de pesquisa deste trabalho. Portanto, a insistência de César no uso do *populus romanus* no livro I me motivou a investigar todos os empregos desta expressão ao longo dos sete livros.

Uma vez escolhido o objeto de pesquisa foi necessário buscar em um dicionário latim-português os significados das palavras *populus* e *romanus*. O dicionário utilizado nesta pesquisa foi o do latinista Ernesto Faria. Segundo Faria (2003, p.876), o segundo membro da expressão, *romanus*, não possui variações em seu sentido. *Romanus* é um adjetivo cuja tradução em português é simplesmente “romano”. Já a unidade *populus* possui, no mínimo, cinco significados distintos – e todos eles mereceram minha atenção.

A tradução literal de *populus* é a palavra “povo”. Contudo, após esta fácil conversão do vocábulo latino para o vocábulo português, cada um dos cinco sentidos apresentados por Faria (2003, p.768) deve ser interpretado. É neste momento que o historiador da Antiguidade Clássica experimenta a complexidade do fazer tradutório. A tradução não se resume ao ato de converter palavras da língua “A” para a língua “B”. Os conceitos gregos e latinos eram

<sup>1</sup> A partir de agora irei me referir à obra de duas maneiras: em latim (*De Bello Gallico* – Sobre a Guerra Gaulesa) ou *Comentários*.

<sup>2</sup> Diversas edições do *De Bello Gallico* (tanto em latim quanto traduções) apresentam um oitavo livro que narra o desfecho da campanha militar romana nas Gálias. Entretanto, a autoria deste oitavo volume é suspeita. Há entre os estudiosos de Júlio César aqueles, como Canfora (2002), que acreditam que o oitavo livro foi escrito por ele mesmo (sendo apenas o prefácio escrito por Aulo Hércio, um de seus oficiais militares). Já outros estudiosos, como Ames & Leoni (2013), afirmam que o oitavo volume foi composto inteiramente por Hércio. Nesta pesquisa sigo a corrente da maioria dos autores e das autoras que consultei, ou seja, daqueles/as que atribuem o livro oitavo a Hércio. Portanto, o escopo de minha pesquisa são os sete livros do *De Bello Gallico* cuja autoria de César é inquestionável.



carregados de significados complexos e variados. A tradução literal de *populus romanus* é, adequadamente, “povo romano”, mas a simples tradução palavra por palavra não era suficiente para o meu propósito nesta pesquisa. Afinal, é importante destacar, a República Romana era designada como *SPQR: Senatus Populusque Romanus*. O Senado e o Povo Romano. Não foi à toa que o primeiro registro de *populus romanus* feito por César no *De Bello Gallico* veio acompanhado do termo *senatus*<sup>3</sup>:

[Orgétorix] Tendo-se encarregado das negociações com os Estados, persuade Castico, filho de Catamantaloédis, sequano, cujo pai, durante muito tempo, exercera o poder real entre os sequanos e recebera do **Senado do povo romano** o título de amigo [...] (*BG*, 1, 3)<sup>4</sup>

O primeiro significado de *populus* possui caráter político: o conjunto dos *cives*<sup>5</sup> (dos cidadãos - é este o sentido presente em *Senatus Populusque Romanus*), ou seja, a *civitas*<sup>6</sup>. O segundo possui caráter demográfico (muito mais abrangente do que o primeiro, pois nem todos os indivíduos que viviam nos domínios do *imperium romanum*<sup>7</sup> eram cidadãos como, por exemplo, os escravizados): a população, o conjunto de todas as pessoas que viviam sob a jurisdição de Roma. O terceiro significado possui caráter político excludente: exclui o Senado, considerando apenas a *plebs*<sup>8</sup> (plebe) e os membros da *nobilitas*<sup>9</sup> (nobreza, patriciado) sem magistraturas. O quarto também possui caráter político excludente, mas de maneira distinta do anterior: exclui a *plebs*, considerando apenas a *nobilitas*. O quinto e último significado possui caráter político excludente inverso ao anterior: exclui a *nobilitas*, considerando apenas a *plebs*.

Durante a leitura do livro I, momento em que constatei a repetição frequente de *populus romanus*, questioneei por que César empregara tantas vezes esta expressão no *De Bello Gallico*. Em seguida, também questioneei se haveria nos outros seis livros mais usos do *populus romanus*. Para resolver esta indagação utilizei a ferramenta virtual de busca de

<sup>3</sup> De acordo com Faria (2003, p.910), o Senado, a assembleia na qual os cidadãos velhos, os senadores, decidiam os rumos políticos da República Romana.

<sup>4</sup> Todos os destaques em negrito nos trechos das fontes históricas são de minha autoria.

<sup>5</sup> Faria (2003, p. 193) indica que a palavra *civis* (*cives*, no plural), significa cidadão, o indivíduo livre que possui um vínculo de origem com a cidade em que vive.

<sup>6</sup> Segundo Faria (2003, p.193), *civitas* significa cidadania, ou seja, a condição de ser cidadão romano e de possuir direitos. Por extensão, *civitas* pode ser compreendida como o conjunto dos cidadãos romanos.

<sup>7</sup> Segundo Faria (2003, p.473-474), a palavra *imperium* também possui diversos significados possíveis. Contudo, neste caso, *imperium romanum* designa o domínio territorial romano, ou seja, a soberania política de Roma sobre os territórios conquistados.

<sup>8</sup> O conjunto de cidadãos que não pertenciam à nobreza patricia, segundo Faria (2003, p.759).

<sup>9</sup> Os cidadãos nobres, de origem célebre, ou seja, a nobreza aristocrata, de acordo com Faria (2003, p.647).

palavras do site *Perseus Digital Library*<sup>10</sup> com a missão de mapear todos os registros de *populus romanus* nos *Comentários* de César<sup>11</sup>. A partir do resultado obtido (setenta e nove entradas) comparei o original em latim com a tradução em português de Portugal que adotei<sup>12</sup> nesta pesquisa para realizar a tabulação de todos os usos que César fez do *populus romanus*.

Uma vez identificados o livro e o capítulo de cada registro, analisei, ao longo da leitura da fonte, de que maneiras César empregou cada um dos registros da expressão *populus romanus*. O passo seguinte, antes de enquadrar os usos da expressão em categorias de análise e de adotar um referencial teórico adequado, foi situar Júlio César no período anterior às suas campanhas militares nas Gálias. Tratei de investigar quem foi o político e comandante militar Gaio Júlio César às vésperas da sua marcha para as três Gálias: *Citerior* (a Gália mais próxima, ou Cisalpina – uma província romana<sup>13</sup>), *Ulterior* (a Gália mais distante, ou Transalpina, ou Narbonense - uma província romana<sup>14</sup>) e principalmente a *Comata* (a Gália de “cabelos longos” – devido às longas cabeleiras que os celtas/gauleses apresentavam – não submetida a Roma).

Membro da nobre *gens*<sup>15</sup> *Iulius*, o início do *cursus honorum*<sup>16</sup> (“Caminho das Honras”) de César foi bastante conturbado. Segundo Brandão (2015), o parentesco de César com Gaio Mário rendeu a ele não só a perseguição política efetuada por Sula como também uma inimizade com a *factio* (facção política<sup>17</sup>) dos *optimates* (“os melhores homens”<sup>18</sup>, ou seja, a aristocracia patrícia mais conservadora do Senado). Apesar desta dificuldade inicial, prossegue Brandão, o jovem César, logo após a deposição do ditador Sula, retornou a Roma depois de ser exilado e exerceu diversas magistraturas. Entre elas se destacaram, nos campos político e militar, as funções que César exerceu na província da *Hispania*<sup>19</sup> *Ulterior*: tribuno militar (72<sup>20</sup>), questor<sup>21</sup> (69), pretor<sup>22</sup> (61) e propretor<sup>23</sup> (60).

<sup>10</sup> Endereço virtual: <[www.perseus.tufts.edu/hopper/](http://www.perseus.tufts.edu/hopper/)>. Acesso em: 05/11/2017.

<sup>11</sup> A edição em latim do *De Bello Gallico* oferecida pela Perseus Digital Library foi elaborada por T. Rice Holmes.

<sup>12</sup> CÉSAR, Júlio. **A guerra das Gálias**. Lisboa: Sílabo, 2004. Tradução de Angelina Pires. Disponível em: <[www.livros-digitais.com/caio-julio-cesar/a-guerra-das-galias/sinopse](http://www.livros-digitais.com/caio-julio-cesar/a-guerra-das-galias/sinopse)>. Acesso em: 06/07/2017.

<sup>13</sup> Faria (2003, p.192).

<sup>14</sup> Faria (2003, p.1032).

<sup>15</sup> Faria (2003, p.426) entende *gens* como o conjunto de pessoas (os descendentes) que estão vinculadas por laços de sangue a antepassados ilustres.

<sup>16</sup> Faria (2003, p.453) apresenta o significado de *honor* como honra (dignidade) ou cargo de honra (magistratura) concedida a alguém.

<sup>17</sup> Faria (2003, p.386).

<sup>18</sup> Faria (2003, p.683).

<sup>19</sup> Conforme Faria (2003, p.451-452), a região europeia que corresponde atualmente à Espanha. Havia duas *Hispaniae*: *Citerior* e *Ulterior*.

<sup>20</sup> Todos os anos mencionados neste trabalho são antes de Cristo.

<sup>21</sup> Faria (2003, p.828) afirma que o *quaestor* era um magistrado que administrava os assuntos pecuniários.

César era um patrício. Contudo, sua orientação política não estava de acordo com o conservadorismo dos *optimates*. César simpatizava com a *factio* dos *populares* (“aqueles do povo”, “amigos do povo”<sup>24</sup>). Esta facção, inicialmente, reunia os nobres e os cidadãos dispostos a realizar reformas políticas que beneficiassem a plebe e, de maneira geral, a *civitas* (principalmente os cidadãos romanos que não eram patrícios e que não tinham seus anseios políticos contemplados pelos *optimates*). Apesar de não estar ao lado dos *optimates*, os dois grandes passos da carreira política e militar de César (o consulado<sup>25</sup> em 59 e o proconsulado<sup>26</sup> das Gálias de 58 a 51) tornaram-se possíveis graças a alianças feitas com dois importantes membros da facção rival. Um deles foi Marco Licínio Crasso, um dos patrícios mais ricos e influentes de Roma. Crasso ajudou César com empréstimos de dinheiro para financiar as campanhas políticas de César na disputa pelas magistraturas. O outro foi Gneu Pompeu Magno. Em 67, César deu parecer favorável ao envio de Pompeu enquanto comandante de campanha militar para combater a pirataria no Mar Mediterrâneo e Mitrídates VI, monarca do Reino de Ponto. Além disso, César também apoiou a concessão de honras militares a Pompeu em 63.

O fato de César, membro dos *populares*, ter se aproximado de dois membros dos *optimates* não representou nenhuma forma de traição à sua facção. César sabia que os *optimates* compunham a facção mais poderosa da República Romana. César também estava ciente de que não conseguiria alcançar seus objetivos imediatos apenas com a ajuda de seus companheiros *populares*. Segundo Brandão, após o término de seu propretorado na *Hispania Ulterior* em 60, César retornou a Roma com dois objetivos: entrar na cidade numa cerimônia triunfal e candidatar-se ao consulado do ano seguinte. Para estes dois objetivos serem concretizados César precisava de Crasso e de Pompeu.

Em respeito ao costume romano, César aguardou, além do *pomerium*<sup>27</sup> de Roma, a autorização para entrar na cidade durante celebração de triunfo em homenagem a seus serviços prestados na *Hispania Ulterior*. César, entretanto, queria não apenas um triunfo, mas também permissão para candidatar-se ao consulado de 59 *in absentia* (ausente de Roma no

---

<sup>22</sup> De acordo com Faria (2003, p.790), o *praetor* era um comandante militar que também tinha a incumbência de exercer o poder de justiça.

<sup>23</sup> O *propraetor*, segundo Faria (2003, p.809), era o comandante máximo de uma província, responsável por governar todas as esferas da administração provincial.

<sup>24</sup> Faria (2003, p.767).

<sup>25</sup> O *consul*, segundo Faria (2003, p.241), era o magistrado romano situado no topo do *cursos honorum*.

<sup>26</sup> O *proconsul*, afirma Faria (2003, p.799), governava uma província romana com autoridade correspondente a de um côsul. Contudo, é importante destacar que o *proconsul* devia responder por suas ações ao *consul*.

<sup>27</sup> Para Faria (2003, p.765), um espaço sagrado ao redor e fora das muralhas de Roma.

momento da efetivação da candidatura). Candidatar-se *in absentia* desrespeitava as leis romanas. César sabia disso. E não apenas ele, mas também aquele senador e ilustre político romano que era conhecido e respeitado por ser a “reserva moral e ética de Roma”: Marco Pórcio Catão Uticense. Catão, ilustre membro dos *optimates*, atuou nas sessões do Senado de maneira a não permitir que César se candidatasse estando ausente de Roma. Após ser informado de que sua moção não seria acatada pelo Senado, César tomou uma atitude ousada: abriu mão da celebração de triunfo para entrar em Roma enquanto mero cidadão. Uma vez em Roma, articulou sua candidatura ao consulado.

Segundo Canfora (2002), a aliança política entre César, Pompeu e Crasso nasceu em 60 e visou justamente às eleições para o consulado de 59. César foi a “cola” desta *societas*<sup>28</sup>. Pompeu e Crasso, apesar de comporem a mesma *factio*, não tinham um bom relacionamento. Foi César quem reuniu os dois para propor um plano político cujo objetivo audacioso pode ser dito em poucas palavras: controlar as decisões políticas tomadas em Roma. Recém-chegado da *Hispania Ulterior*, César tinha a seu favor o sucesso de suas ações nesta província e uma característica de personalidade que marcou profundamente a opinião dos romanos em relação a César: a *liberalitas*, ou seja, a bondade, a indulgência, a liberalidade, a generosidade no trato dos assuntos políticos e na relação com seus aliados<sup>29</sup>. Ao lado de Pompeu e de Crasso, dois eminentes *optimates*, César acreditava, segundo Canfora, que teria força e apoio políticos suficientes para realizar reformas sociais na sociedade romana durante seu consulado. César circulava entre “dois mundos”: o da plebe e o dos patrícios. Sua intenção não era promover alguma espécie de mudança radical na estrutura social romana, mas sim reformas sociais que aliviassem e melhorassem a vida dos cidadãos não patrícios. Uma das grandes preocupações de César era a questão da posse da terra. De acordo com Canfora, César acreditava na importância da distribuição de terras e via a concentração agrária, defendida pelos *optimates*, como um grande problema para a República. César, todavia, nunca renegou seu sangue patrício: uma de suas preocupações, após o término de seu consulado, era administrar uma rica e promissora província. César sempre pensou no próximo passo, no dia depois de amanhã. As Gálias não foram um acidente na carreira política de César, mas sim um projeto de poder.

---

<sup>28</sup> Faria (2003, p.927) afirma que *societas* significa uma associação, aliança política entre pessoas.

<sup>29</sup> Faria (2003, p.561).

Pompeu era um general vitorioso carregado de *gloria* (renome, boa fama<sup>30</sup>). Sua *dignitas* (mérito e prestígio sociais<sup>31</sup>) era elevadíssima: recebeu o título de *imperator* (título de honra concedido a um general vitorioso que retornou de uma guerra considerada de grande relevância<sup>32</sup>) devido as suas vitórias no Oriente (principalmente ter vencido Mitrídates). Contudo, entre alguns membros da facção dos *optimates* havia o receio de que a *gloria* e a *honor* advindas dos sucessos de Pompeu o motivassem a se tornar um novo Sula, uma vez que Pompeu iniciara sua carreira política justamente durante a ditadura de Sula e com o apoio do ditador. Além disso, afirma Canfora, Pompeu enfrentava um grave problema político-militar: o Senado não legitimara suas conquistas no Oriente e não autorizara a premiação dos veteranos das legiões de Pompeu através de distribuição de terras. Brandão destaca que esta legitimação buscada por Pompeu no Oriente dizia respeito às mudanças administrativas efetuadas nas províncias orientais e nas relações com os Estados subordinados a Roma. Em relação à premiação dos veteranos de guerra com terras, havia dois problemas: o próprio ato de conceder terras (pois os *optimates* adotavam uma política bastante conservadora em relação à posse de terras) e o medo de Pompeu criar um poderoso laço de fidelidade com antigos legionários que poderiam vir a apoiar Pompeu em um futuro próximo.

Marco Crasso, assim como Pompeu, não estava satisfeito. Membro da ordem equestre, Crasso estava preocupado não só com os interesses políticos e econômicos dos *equites*<sup>33</sup>, mas também com sua própria riqueza. Seu desejo era reformular a maneira como a coleta de impostos era realizada nas províncias orientais. Crasso era um publicano e mantinha contato direto com a circulação de riqueza da parte oriental para a parte ocidental do *imperium romanum*.

Os políticos de Roma não demoraram muito para saber sobre a existência efetiva deste pacto. Porém, esta aliança era velada, não explícita porque era ilegal. César, Pompeu e Crasso nunca disseram abertamente que pretendiam ditar os rumos da República a partir de seus próprios interesses. Pairava principalmente sobre César e Pompeu o receio pela volta da tirania. Contudo, o respeito do trio pelas leis romanas fez com que a candidatura de César ao consulado de 59 fosse feita estritamente dentro da legalidade. Brandão destaca que César e Pompeu, para reforçar esta união política, uniram-se também por um laço de sangue: em 59, Pompeu casou com a filha de César, Júlia. Além deste casamento houve outro, desta vez entre

---

<sup>30</sup> Faria (2003, p.430).

<sup>31</sup> Faria (2003, p.310).

<sup>32</sup> Faria (2003, p.473).

<sup>33</sup> Para Faria (2003, p.353), os membros da ordem social equestre de Roma, composta por patrícios.

o próprio César e Calpúrnia, filha de Lúcio Calpúrnio Pisão Cesonino, importante aliado político de César. O benefício foi mútuo: César casou-se com uma romana oriunda de uma das mais respeitáveis e ricas famílias de Roma e para Pisão foi prometido o consulado de 58.

O resultado das eleições de 60 para o consulado de 59 não demonstrou nenhuma surpresa. César foi eleito com grande número de votos. O segundo candidato mais votado e, portanto, parceiro de César na condução do consulado foi Lúcio Calpúrnio Bíbulo, representante dos *optimates*. Canfora afirma que Bíbulo contou com o apoio incansável de Catão na promoção de sua candidatura. A vitória de César e de outro político dos *populares* representaria para os *optimates* uma derrota política humilhante. Catão já tinha conhecimento da relação entre César, Pompeu e Crasso e não estava disposto a permitir que este trio controlasse todas as decisões políticas em Roma. Para Catão, a *societas* orquestrada por César era nociva para a República. Bíbulo representava o contrapeso político necessário, alguém que se oporia a César no momento da tomada de decisões.

O cônsul era a mais alta magistratura do *cursus honorum* romano. Segundo Alföldy (1989), sua origem remonta à época em que o último rei de Roma, Tarquínio O Soberbo, foi expulso da cidade. Os romanos criaram a instituição do consulado, composta por dois cônsules, para substituir os reis e para impedir qualquer possibilidade de implantação de uma tirania ou governo despótico em Roma. Acreditavam que um cônsul seria o contrapeso do outro. O cônsul, ao contrário do antigo *rex* (rei), deveria implementar suas decisões políticas através do diálogo com o outro cônsul e com os demais magistrados, principalmente com os senadores. A República Romana foi instituída de modo a não admitir decisões monocráticas.

Os romanos fundadores da República certamente ficariam decepcionados com César e com Bíbulo. Em 59, a balança pendeu somente a favor de César. Não é à toa que tanto Canfora quanto Brandão referem-se ao consulado do ano 59 como o consulado de César. Naquele ano, apenas César foi cônsul na prática. Bíbulo, é possível afirmar, não foi nem mero coadjuvante. Bíbulo se enquadraria melhor na categoria de figurante no decisivo ano de 59. Segundo Canfora, César empregou em seu consulado uma política claramente afinada com os interesses dos *populares*. Contudo, as presenças de Pompeu e de Crasso e de diversos outros políticos dos *optimates* ligados a estes dois demonstravam que César contava com magistrados de ambas as facções.

Brandão destaca que César iniciou em 59 um amplo programa de reformas sociais e políticas em conflito direto com seus opositores. No campo político destaco a decisão de tornar públicas todas as atas escritas pelo Senado. No campo social, César promulgou um

conjunto de leis agrárias que determinaram a distribuição de terras para veteranos de guerra e para membros da plebe. Estas leis agrárias receberam os apoios declarados de Crasso e principalmente de Pompeu (que ansiava premiar o mais rápido possível os veteranos que lutaram ao seu lado no Oriente). No Senado, Catão arduamente atacava César e condenava a proposta de reforma agrária. O cônsul Bíbulo acompanhou o parecer de Catão e discordou abertamente do projeto de César. A discordância dos *optimates* anti-César motivou Pompeu e Crasso a se dirigirem ao povo presente no *forum*<sup>34</sup>. A dupla defendeu publicamente a reforma agrária proposta por César. O povo imediatamente declarou apoio a dupla e ao cônsul César. A voz dos mais pobres chegou ao Senado. Não havia como, sabiam Catão, Bíbulo e os demais *optimates*, opor-se a um César que contava não só com aliados políticos poderosos, mas também com a torcida de diversos cidadãos romanos dos segmentos sociais mais humildes.

As leis agrárias de distribuição de terras foram aprovadas. Bíbulo, inconformado e sentindo-se impotente perante o poder cesáreo, abandonou o exercício de sua magistratura e “exilou-se” em sua casa. Ele não desistiu oficialmente da magistratura consular. Oficialmente, Bíbulo ainda era cônsul de Roma. Contudo, estava ciente de que sua oposição não impediria César de realizar as reformas que planejava. Segundo Canfora, Bíbulo reduziu a si mesmo à condição de mero comentarista das ações de César enviando cartas a magistrados e senadores nas quais criticava as ações de César. Brandão chama a atenção para uma expressão que se tornou síntese do ano de 59: os romanos diziam que o consulado daquele ano era de “Júlio” e de “César”. Na prática, Roma só tinha um cônsul: *Caesar consul sine collega* (César cônsul sem colega).

De acordo com Brandão, César beneficiou Pompeu não só através das leis agrárias, mas também através da institucionalização de suas mudanças administrativas nas províncias orientais. César legitimou as reformas de Pompeu não apenas por elas terem sido feitas por Pompeu. César reconheceu no trabalho do aliado um benefício para a República. Já Crasso foi contemplado por César no que diz respeito à revisão dos impostos cobrados no Oriente. Crasso passou a ter maior ingerência sobre o valor dos impostos e sobre a maneira de cobrá-los. Esta benesse política e econômica rendeu a César o importante apoio político dos *equites* liderados por Crasso.

De acordo com Canfora, outro projeto de César que causou grande impacto na dinâmica política romana foi a implementação de uma legislação que punia os magistrados

---

<sup>34</sup> Segundo Faria (2003, p.409), o *forum* era a praça central da vida pública da cidade de Roma, local em que os romanos tratavam tanto os assuntos da esfera privada quanto da esfera pública.

que extorquiam as populações provinciais. A longa experiência de César na *Hispania Ulterior* proporcionara o contato direto com a administração de uma província e com as práticas de concussão efetuadas pelos magistrados. Outro projeto de lei implementado por César foi a concessão da cidadania romana às populações provinciais como forma de fortalecer os laços de confiança e de amizade com as populações subordinadas.

Após um ano de intensa disputa política, de projetos aprovados no Senado, de reformas sociais bem-sucedidas e de aumento da popularidade de César, Pompeu e Crasso (principalmente dos dois primeiros), a *societas* encaminhou suas determinações políticas para o ano de 58. O consulado de César chegava ao fim com um estrondoso sucesso. Pompeu e Crasso estavam satisfeitos, assim como a plebe e os cidadãos não patrícios. Às vésperas de 58, o tribuno da plebe Públio Vatínio, aliado político de César, apresentou ao Senado uma lei que prescrevia a concessão das províncias da Gália Cisalpina e do Ilírico para César após o término de seu consulado. O período do proconsulado de César nestas duas províncias duraria cinco anos (ou seja, até 54). Além disso, o procônsul receberia também três legiões e o direito de escolher os seus legados. Uma vez aprovada a lei, logo em seguida o Senado concedeu a César mais uma província, a Gália Transalpina (ou Narbonense), e mais uma legião<sup>35</sup>.

Ainda não satisfeito por completo, a *societas* articulou suas relações políticas de maneira a atingir mais um objetivo. Era fundamental para o trio garantir a eleição de dois cônsules aliados em 58 de modo a dar continuidade às conquistas políticas e sociais obtidas em 59. Neste sentido, segundo Brandão, César manobrou politicamente e tornou possíveis as eleições de Calpúrnio Pisão (seu sogro) e de Aulo Gabínio, fervoroso aliado de Pompeu. Gabínio, em 67, enquanto tribuno da plebe, foi o responsável por conceder a Pompeu poderes quase ilimitados para que este pudesse combater os piratas que castigavam os domínios romanos à beira do Mar Mediterrâneo.

Os senadores contrários a César experimentaram uma dubiedade de opiniões. Ao mesmo tempo acreditavam que a partida de César para as províncias o afastaria da dinâmica política de Roma (algo benéfico para seus opositores, que poderiam atacá-lo e difamá-lo sem que ele estivesse presente para se defender) e possibilitaria um incrível aumento do poder político de César (graças aos benefícios materiais e simbólicos advindos de um longo

---

<sup>35</sup> Segundo Varandas (2004), em 59 morreu Quinto Cecílio Metelo, governador da Gália Narbonense. A província passava por um clima de insegurança muito grande, uma vez que os gauleses não aliados de Roma estavam pressionando militarmente os gauleses simpáticos ao povo romano. Esta instabilidade representava um grave problema para Roma, afinal uma guerra inesperada poderia colocar em grande risco a província Narbonense. Além das manobras políticas de César, esta é outra justificativa para o futuro procônsul ter recebido o comando também da Gália Narbonense.



comando militar vitorioso). Segundo Canfora, havia se criado no Senado um grande mal-estar. A facção liderada por Catão temia o que César poderia realizar e conquistar no período de cinco anos em uma região conturbada pela vizinhança de bárbaros imprevisíveis: aquitanos, celtas (chamados pelos romanos de gauleses), belgas e germanos. Na melhor das hipóteses, pensaram, César poderia ser morto em algum combate militar contra algum destes povos bárbaros. Este era o consolo dos inimigos de César, além, é claro, de vê-lo afastado de Roma.

Conforme afirmei anteriormente, o *imperium* (o mando, o comando<sup>36</sup>) e a *auctoritas* (a autoridade<sup>37</sup>) de César sobre as Gálias não foram uma casualidade na sua vida. César queria as Gálias. Queria estar próximo da Gália *Comata*. A Gália para César era composta, fundamentalmente, pela província Narbonense e pela Gália *Comata*. Foi nesta vastíssima porção de terras, do outro lado dos Alpes, que César iniciou uma nova fase de sua carreira e de seu projeto político: a busca pela *gloria* e pela *honor* militares. Já a Gália Cisalpina e o Ilírico ficaram, na escala das prioridades do proconsulado cesáreo, em segundo lugar. A Gália que realmente interessou César foi descrita pelo general logo no início de seu *De Bello Gallico*:

**A Gália, no seu conjunto, está dividida em três partes**, de que uma é habitada pelos **belgas**, a outra pelos **aquitanos**, a terceira por aqueles que na sua própria língua se chamam celtas e, na nossa, **gauleses**. Todos estes povos diferem entre si pela língua, pelos costumes, pelas leis. Os gauleses estão separados dos aquitanos pelo curso do Garona, dos belgas pelo Marne e pelo Sena. Os mais bravos de todos estes povos são os belgas, porque são os mais afastados da civilização e dos costumes requintados da **província** [...] (*BG*, 1, 1)

Sua presença na Gália estava carregada de interesses político-militares materiais e simbólicos. Em termos materiais, o controle de César sobre vastas legiões, segundo Canfora, aumentou sua base de apoio. César já não era apenas um habilidoso político, mas também um poderoso general capaz de mobilizar forças militares. Os combates que César empreendeu ao lado dos legionários contra os exércitos bárbaros intensificaram os laços de dedicação, confiança e fidelidade entre um César atuante (testemunha ocular da sanguinolência da guerra, capaz de exortar seus soldados através de palavras de apoio, de bons tratos e de seu carisma) e legionários dispostos a arriscar suas vidas para que os objetivos de César, em nome do povo romano, fossem alcançados. Além disso, os rendimentos pecuniários e de saque que

---

<sup>36</sup> Faria (2003, p.473).

<sup>37</sup> Faria (2003, p.116).

a realização de campanhas militares na Gália poderiam render a César eram incalculáveis. Em termos simbólicos, César pretendeu, com sua marcha para a Gália, evocar a memória de seu tio e padrinho político Gaio Mário que, em um passado não tão distante, derrotou os germanos que ousaram invadir a Itália. Entretanto, o elemento simbólico mais importante da atuação de César na Gália foi o amálgama entre si mesmo e o povo romano, ou seja, a conciliação entre os seus interesses e os interesses de Roma.

César estava ciente de que seus adversários políticos, principalmente Catão, o acusavam de apropriar-se da *res publica*<sup>38</sup> em benefício próprio. Mesmo longe de Roma, ressalta Canfora, o general sempre esteve atento aos assuntos políticos. Ao deixar Roma, César certificou-se de estreitar os laços entre seus aliados políticos e de designá-los ao exercício das magistraturas mais importantes. Nenhuma atitude de César nesta questão é mais ilustrativa do que o fato de conduzir seu próprio sogro ao consulado de 58. Além de todos estes cuidados, cabe ressaltar que César ainda contava com Pompeu e com Crasso. Em relação a Pompeu, é importante destacar o quanto a Gália era crucial para o projeto político de César. Em 58, se compararmos as trajetórias militares de César e de Pompeu, este superava aquele em todos os aspectos. Pompeu já era um *imperator* e já obtivera vitórias militares surpreendentes ao derrotar Mitridates e os piratas do Mediterrâneo. César tinha a seu favor bons serviços prestados na *Hispania Ulterior* nos campos da administração e das finanças e poucas vitórias no campo militar se comparado a Pompeu. Portanto, a Gália, para César, também significava igualar e até superar Pompeu no mérito militar, apesar de Pompeu ser seu aliado político e, além disso, seu genro.

\*

Por fim, após compreender o contexto político às vésperas da marcha de César e de suas legiões para a Gália, tratei de adotar um referencial teórico adequado para a compreensão do *De Bello Gallico* e dos usos cesáreos do *populus romanus*. No Capítulo 2 apresentarei o panorama geral da Guerra Gaulesa durante os seus oito anos de duração. Porém, neste momento, é importante destacar que o *De Bello Gallico* foi uma obra composta após o final das campanhas militares de César na Gália, principalmente após a rendição do comandante arverno Vercingetórix. Rosa (2007) afirma que a obra foi composta em 52, logo após a vitória sobre o líder arverno. Já Bruno (1998) e Mota (2013) afirmam que o *De Bello Gallico* foi redigido entre o final de 52 e o início de 51. Em contrapartida, Oliveira (2008) destaca que a

---

<sup>38</sup> Uma análise dos termos *res* e *publica*, a partir do dicionário de Faria (2003, p.863 e p.818), designa *res publica* como os bens, a propriedade, o interesse público e geral do povo romano.

obra foi concluída em 51. Independente da incerteza sobre o período exato de criação da obra, o importante é compreender que ela foi elaborada nas vésperas da prestação de contas de César ao Senado ao final de seu proconsulado. O *De Bello Gallico* foi a *praeparatio* de César para este momento, ou seja, um instrumento literário para justificar e legitimar suas ações na Gália. O público alvo que César pretendeu atingir não foram apenas os senadores, mas também o maior número possível de patrícios e de cidadãos letrados.

Tendo em vista a intenção da obra, segundo Ames (2003-2004), de explicar ao seu público, através de descrições precisas de eventos e de personagens, que todas as ações tomadas por César visaram à defesa dos interesses do povo romano, adotei como referencial teórico o conceito de representação segundo a interpretação de Roger Chartier. Durante a leitura do *De Bello Gallico* observei que o texto de César tinha a intenção de convencer o leitor de que os eventos ocorridos na Guerra Gaulesa ocorreram da forma exata que César os descrevera. Este esforço de convencimento, justificativa e legitimação possui quatro eixos que identifiquei como quatro representações: ‘César’, povo romano, bárbaros e legiões. Em seu *De Bello Gallico*, César construiu um significado para cada um destes quatro elementos representativos.

Entre todos os participantes das campanhas militares da Gália apenas um deles produziu uma obra que narrou seus acontecimentos: César. Não é à toa que esta guerra ficaria conhecida entre os romanos como a guerra de César e de mais ninguém. Contudo, César fez questão de mencionar setenta e nove vezes o povo romano em seu relato. Há dois protagonistas no *De Bello Gallico*: ‘César’ e o povo romano. Os dois protagonistas são indissociáveis. Quando César exalta a si mesmo ele está, inevitavelmente, exaltando o povo romano. E quando César exalta o povo romano ele está exaltando a si mesmo, afinal é um romano e um comandante militar que representa este povo na guerra contra os povos bárbaros.

O objetivo desta pesquisa, a partir do referencial teórico de Roger Chartier para o conceito de representação, é analisar como e por que César utiliza a expressão *populus romanus*, tendo em vista que o próprio *populus romanus* é uma representação criada por César. Esta representação está acompanhada de outras três, conforme mencionei anteriormente: o próprio ‘César’, os povos bárbaros e as legiões. Estas três representações também serão analisadas em seus pormenores, afinal todos os quatro eixos estão conectados no processo de construção de significados empreendido por César em seu *De Bello Gallico*.

## 2 A GUERRA GAULESA E A CRISE DA *SOCIETAS*

### 2.1 A Guerra Gaulesa

O processo de expansão do *imperium romanum* na Gália liderado por César, segundo Varandas, baseava-se na fragmentação dos laços de aliança, parentesco e reciprocidade que existiam entre os diversos clãs bárbaros da Gália cesárea. Seguindo o padrão *divide et impera* (divide e domine) presente na antiga formação da província Narbonense, César acentuou este padrão e estabeleceu, segundo Canfora, uma série de pactos benéficos tanto para Roma quanto para os bárbaros dispostos a se aliarem ao povo romano. Nas alianças entre romanos e bárbaros, as concessões eram mútuas. Em linhas gerais, César fornecia proteção militar contra os inimigos de seus aliados e estes forneciam soldados a pé e a cavalo, além de provisões, informações e locais nos quais seriam construídos os fortes romanos. Os laços de reciprocidade fraturados pelo acordo com Roma foram tanto aqueles entre clãs do mesmo povo (por exemplo, entre gauleses) quanto aqueles entre clãs de povos diferentes (por exemplo, entre gauleses e belgas).

Apesar de esta integração entre romanos e bárbaros ser conveniente para os dois lados, esta relação diplomática era assimétrica, desigual. Roma, na figura do procônsul Júlio César, sempre teve a última palavra nas negociações. Este era o preço a ser pago para que certo povo bárbaro da Gália fosse considerado um aliado e amigo do povo romano. A *amicitia* (amizade, aliança<sup>39</sup>) entre romanos e bárbaros foi um dos valores simbólicos mais respeitados e cultivados por César ao longo dos oito anos de campanhas militares. Atacar um aliado do povo romano significava atacar o próprio povo romano. Partindo desta premissa, César iniciou o processo de conquista da Gália *Comata* a partir da anexação de povos bárbaros à esfera de influência de Roma e da guerra contra aqueles povos não dispostos a se submeterem a Roma. César, sem dúvida, não teria conseguido conquistar a Gália apenas com os legionários romanos. O general soube aproveitar a fragmentação interna entre os clãs bárbaros para subordiná-los a Roma. Segundo Brandão, os esforços de César foram facilitados pelas rivalidades existentes entre os bárbaros: no momento em que o general era informado sobre estas desavenças, ele as utilizava a seu favor através do oferecimento da *amicitia* do povo romano. César também ficou conhecido por sua *clementia* (clemência<sup>40</sup>) com os clãs bárbaros

---

<sup>39</sup> Faria (2003, p.69).

<sup>40</sup> Faria (2003, p.196).

que decidiam interromper os ataques contra o povo romano para se submeterem a ele. Se um clã até então inimigo de Roma decidisse render-se em nome da paz, César, de acordo com as particularidades de cada situação, acatava o pedido e estabelecia uma aliança. Conforme dito anteriormente, ele precisava do máximo possível de aliados subordinados a Roma para que as campanhas fossem bem-sucedidas.

O início das hostilidades entre romanos e bárbaros, segundo o *De Bello Gallico*, foi a pressão dos helvécios sobre a província Narbonense. Os helvécios tentaram, em um primeiro momento, cruzar a província de forma pacífica através de um pedido ao próprio procônsul. Diante deste pedido, ele levou em consideração dois fatores. O primeiro foi o perigo que uma incursão bárbara representaria para Roma em pleno território provincial. O segundo foi proteger os éduos, aliados de Roma, uma vez que o avanço militar helvécio ocasionou perdas e prejuízos para eles. Após racionalizar, optou pela realização de uma campanha militar contra os helvécios que deu início a uma série de outras campanhas nos anos posteriores. A investida helvécica sobre a província foi vista pelo líder romano como a justificativa para realizar diversas guerras de “pacificação” da Gália *Comata*, afinal esta região apresentava uma instabilidade que legitimava a ação militar de Roma. Conforme Ames e Leoni (2013), todas as campanhas militares empreendidas por César, a partir do ataque dos helvécios ao tentar cruzar a província, podem ser caracterizadas pela ideia de guerra justa ou preventiva. A conquista da Gália *Comata* significaria, portanto, nada mais do que um acerto de contas de Roma com bárbaros perigosos demais para não estarem submetidos ao povo romano. Esta é a justificativa que o próprio procônsul atribuiu ao conflito em sua obra: uma reação do povo romano em nome da defesa e em nome da *salus* (segurança<sup>41</sup>) do *imperium romanum* e dos amigos de Roma.

Outra ameaça constante não só ao povo romano, mas também a toda a Gália foi o conjunto de clãs germanos situados a leste do Rio Reno. O general, ainda no livro I do *De Bello Gallico*, logo após o relato sobre o conflito contra os helvécios, concentrou as atenções do leitor para outro relato: o do conflito contra os germanos liderados por Ariovisto. Ele recebeu pedidos de ajuda de povos gauleses para que Roma intercedesse no conflito de modo a expulsar os germanos. César, em nome do povo romano, mais uma vez empreendeu um conflito militar para proteger os aliados bárbaros e, principalmente, a província e os interesses romanos na Gália da onda migratória germana.

---

<sup>41</sup> Faria (2003, p.889).

O proconsulado cesáreo foi conturbado não apenas na esfera militar, mas também na esfera política. O general em nenhum momento se desvencilhou de sua faceta política. Uma vez iniciado o plano das campanhas militares na Gália, ele iniciou também um conflito político em Roma no que diz respeito ao debate em torno da legalidade de seus feitos. O mandato cesáreo enquanto procônsul, segundo Brandão, não previa a expansão territorial do *imperium romanum*. Toda guerra que fosse empreendida em nome de Roma visando à conquista de territórios, ou pelo menos a possibilidade de vir a guerrear tendo em vista este objetivo, deveria receber o consentimento prévio do Senado antes ser iniciada. A tentativa de invasão dos helvécios na província Narbonense, conforme afirmei anteriormente, foi o pretexto do líder romano para se apresentar como guardião da segurança e dos interesses do povo romano na Gália. O Senado, na medida em que recebia os relatórios proconsulares sobre o que se passava na Gália, discutia intensamente sobre os limites das ações do general. Acusado por seus adversários de empregar recursos do povo romano em causa própria, os aliados políticos do general esforçavam-se para reafirmar a legalidade dos atos do procônsul. César simplesmente defendia Roma contra bárbaros que ousaram ameaçar o povo romano, afirmavam os aliados do general. Em contrapartida, conforme destaca Brandão, o comandante agia em nome do povo romano visando também à conquista de sua *gloria* e a preservação de sua *dignitas*.

De modo a manter os contatos políticos com Roma, César se dirigia para a Gália Cisalpina nas estações de inverno. Nestes períodos, ele guarnecia as legiões em fortificações estratégicas na Gália *Comata* e na província Narbonense e partia para a província ao sul dos Alpes. Seu objetivo era administrar as demais províncias de seu proconsulado (a própria Gália Cisalpina e o Ilírico) e se manter a par das novidades sobre a disputa política em Roma. A esfera das decisões políticas em Roma preocupava-o principalmente pelo fato de Pompeu e de Crasso não poderem contar com ele presencialmente. A manutenção da *societas* com Pompeu e Crasso, de maneira distante e indireta na maior parte do ano, fez com que o procônsul dedicasse os intervalos entre as campanhas militares para reforçar a aliança. Ele corria o risco de perder o apoio de Pompeu para os *optimates* (afinal, esta era a facção política de Pompeu). Distante de Roma, César não poderia garantir a fidelidade de Pompeu e de Crasso, a não ser que, de tempos em tempos, os três se reunissem para reafirmar seus laços de apoio. Este encontro da *societas* ocorreu, segundo Brandão, no ano de 56, na cidade de Luca na Gália Cisalpina. Participaram deste encontro não apenas os três aliados, mas também uma série de políticos simpatizantes. O comandante das Gálias, Pompeu e Crasso confirmaram os laços

políticos que os uniam. De acordo com Canfora, este encontro garantiu a Júlio César a prorrogação de seu proconsulado na Gália por mais cinco anos (até o ano 51). Pompeu e Crasso foram escolhidos para se candidatarem ao consulado de 55. Vitoriosos, os cônsules legitimaram pela via legal a extensão do proconsulado cesáreo e ainda garantiram para si próprios os proconsulados de importantes províncias: as *Hispaniae* para Pompeu e a *Syria* para Crasso.

Outra fase importante do proconsulado de César foi sua marcha para a *Britannia*. Agindo de maneira ilegal, afinal não recebera autorização do Senado para empreender este deslocamento de tropas, o general justificou sua partida para a ilha bretã em nome dos interesses de Roma. O general, no *De Bello Gallico*, chamou a atenção para a aliança entre os povos gauleses do noroeste da Gália e os povos bretões da ilha. A *Britannia*, afirmou ele, era responsável pelo envio de braços armados para lutar contra os romanos na Gália *Comata*. Em vista disto, ordenou uma campanha militar de conquista da *Britannia* seguindo o mesmo padrão que seguia na Gália: busca por aliados bretões e combate contra os clãs indispostos a fazer amizade com Roma. Brandão destaca que ele foi o primeiro general romano a pisar no solo bretão e a demonstrar interesse em anexá-lo ao *imperium romanum*. Tal interesse não visou apenas à extensão do *imperium*, mas também o impacto simbólico que uma vitória na ilha provocaria no povo romano. A *Britannia* era um território misterioso para os romanos. Tendo em vista a enorme extensão da Gália *Comata*, não subordinada a Roma, a *Britannia* estava muito longe dos romanos. Os magistrados de Roma nas províncias do norte e do oeste ouviam falar desta terra próspera e de seu povo guerreiro. César sabia que a tomada da *Britannia* engrandeceria ainda mais a *gloria* advinda de seu proconsulado.

Contudo, a expansão para a *Britannia* proporcionou um pequeno sucesso tendo em vista o alto investimento de recursos e de legionários empreendido por César. O general criou alianças com alguns clãs bretões do litoral que forneciam ajuda aos gauleses e, segundo ele próprio, conseguiu impor um tributo em dinheiro a ser pago por estes povos anualmente. Mais importantes do que os escassos resultados materiais da ousada expedição foram os ganhos simbólicos: César, de maneira inédita, chegara onde nenhum general romano jamais havia chegado e obtivera vitórias militares que ele próprio tratou de exaltar em seu *De Bello Gallico*.

Entre a *clementia* de César e a concessão de dias de *supplicationes* (ações de graças, homenagem, tributo pela vitória<sup>42</sup>) em Roma em vista de suas vitórias militares, o general foi

---

<sup>42</sup> Faria (2003, p.971).

duramente criticado por seus opositores na medida em que chegavam da Gália notícias sobre certos episódios sanguinários da guerra. O episódio da guerra que mais causou problemas políticos para César foi o massacre dos usipetos e dos tenctérios, no qual foram mortas inclusive as mulheres e as crianças destes clãs. Segundo Canfora, a chegada da notícia desta vitória sangrenta fez com que Catão denunciasse César no Senado. Catão alegou que Júlio César havia desrespeitado os direitos das gentes (dos povos). Segundo este senso jurídico, a vitória sobre um inimigo em campo de batalha era aceitável e digna de *gloria*, porém havia um limite entre a vitória com *honor* e o massacre sanguinário. De acordo com Catão e diversos *optimates*, César havia abusado de seu comando militar ao levar duas comunidades quase à extinção. Canfora interpreta a atitude de Catão como uma manobra política para enfraquecer César e sua preocupação com o bem-estar de povos bárbaros como um pretexto para atacar o procônsul. Catão tentou manchar a imagem de César, mas sua tentativa fracassou. Além disso, Catão foi obrigado a assistir, nas ruas de Roma, a realização de uma *supplicatio* concedida pelo Senado em homenagem à vitória de César contra os usipetos e tenctérios. Mais uma vez a *societas* entre César, Pompeu e Crasso demonstrava sua força.

O proconsulado cesáreo nas Gálias iniciou em 58 e terminou em 51. O desfecho destes oito anos, afirma Canfora, foi a tutela indireta e tácita da Gália. É importante analisar mais criticamente os termos “conquista” e “pacificação”. Os dois são largamente utilizados para se referir ao resultado das campanhas militares de César na Gália. É possível afirmar que César liderou o processo de conquista da Gália porque este território, mais especificamente a Gália *Comata*, era uma região não anexada ao *imperium romanum*. Após a derrota da revolta de Vercingetórix, esta imensa região passou a ser considerada parte do *imperium* de Roma. Contudo, o termo “conquista” pode transmitir a ideia de que Roma tomou a Gália apenas pela via militar, através da guerra, ou seja, de maneira exclusivamente coercitiva. Roma, na figura de César, empreendeu diversas guerras para alcançar seu objetivo, porém tão importante quanto o ato de fazer guerra foi a postura diplomática de César em relação aos povos bárbaros. Apesar das alianças entre romanos e bárbaros terem sido marcadas pela assimetria, afinal os clãs bárbaros estavam submetidos ao poder de Roma, os acordos diplomáticos realizados por César foram a “cola” que uniu os diversos fragmentos étnicos da Gália *Comata* em torno do povo romano. César liderou guerras em nome da defesa de seus aliados bárbaros. César ordenou marchas de legiões em defesa de seus aliados bárbaros. César convocava seus aliados bárbaros para a mesa de decisões com o objetivo de discutir estratégias. César tinha a última palavra, mas esta última palavra era dada em ocasiões nas quais os aliados bárbaros



estavam presentes. A guerra e a diplomacia foram os instrumentos utilizados por César para liderar a conquista da Gália, porém a guerra contra os inimigos do povo romano só foi possível graças à existência de uma rede de alianças entre César e os clãs amigos do povo romano. Da mesma forma, o termo *pacificatio* (pacificação<sup>43</sup>), utilizado por César em seu *De Bello Gallico*, também deve ser problematizado. Uma vez que a guerra foi um dos instrumentos decisivos para a submissão da Gália *Comata*, a ideia de que César pacificou a Gália só pode ser compreendida através de um ponto de vista exclusivamente romano. Uma Gália pacificada significava uma Gália subordinada, submetida, à mercê das decisões tomadas pelos magistrados romanos. Tendo em vista a ótica exclusivamente cesariana do *De Bello Gallico*, a ideia de pacificação se sustenta, mas certamente os bárbaros derrotados por César não encontraram nenhuma paz após a vitória romana: ou foram mortos, ou foram escravizados ou foram obrigados a viver sob a autoridade romana.

A noção de tutela indireta e tácita da Gália, segundo a visão de Canfora, é autoexplicativa através dos termos que a compõem. A Gália estava sob a tutela de Roma, ou seja, era dever de Roma proteger a Gália de interesses estrangeiros (principalmente dos germanos) e administrar seus recursos humanos e naturais, afinal a Gália dependia do povo romano por estar subordinada e submissa a ele. A tutela era indireta porque Roma devia manter os acordos e as alianças que estabelecera durante o proconsulado de César. A gestão da Gália, nos primeiros anos após sua anexação ao *imperium romanum*, era feita pelos bárbaros das diversas regiões a partir das orientações de Roma. Novamente a última palavra nas decisões era de Roma, porém os bárbaros outrora aliados na Guerra Gaulesa também possuíam certa margem de autonomia. A tutela de Roma, é necessário compreender, não era impositiva ao ponto de anular a atuação dos bárbaros. Por fim, a tutela romana era tácita, ou seja, não estava formalmente expressa porque o processo de institucionalização da Gália enquanto província ainda levaria mais tempo para ser oficializado. Após a saída de César da Gália, foram os bárbaros aliados que reorganizaram as regiões castigadas pelas guerras. Os bárbaros trataram de reerguer tanto a produção de alimentos quanto a estrutura militar da Gália, transformando, desta maneira, a região em um “escudo” que protegeria a Itália da ameaça germana e dos ainda existentes, porém esparsos e escassos, clãs da Gália contrários à dominação romana.

Ao final da Guerra Gaulesa, segundo Brandão, César conseguiu aumentar sua riqueza material através dos espólios (principalmente ouro) obtidos nas vitórias militares. Não apenas

---

<sup>43</sup> Faria (2003, p.692).

os espólios, mas também os tributos pagos pelos clãs bárbaros submetidos renderam uma fortuna a César. Uma parte destas riquezas foi compartilhada com os seus legionários. Desta forma, César assegurou a *fidelitas* (fidelidade<sup>44</sup>) de legiões que, após longos oito anos de combates, eram extremamente devotadas ao seu general.

## 2.2 A crise da *societas*

As relações entre César e Pompeu começaram a se enfraquecer no ano de 54. Neste ano, os dois ainda eram aliados, porém Pompeu era alvo diariamente da pressão política dos membros *optimates* de sua facção. O fato de César estar afastado de Roma era passível de ser administrado de maneira a não comprometer a *societas*, porém ainda assim o jogo político de Roma não cansava de convencer Pompeu sobre o perigo que César representava para a República. Em 54, a estabilidade da aliança foi posta à prova devido à morte de Júlia durante o parto. César perdia uma filha, sua única filha, e Pompeu perdia uma esposa, uma filha que nascera morta e um elo importante que o ligava a César. O falecimento de Júlia havia quebrado a ligação familiar entre César e Pompeu. Apesar do infortúnio, a dupla não ensaiou nenhum tipo de separação política diante do luto. Todavia, destaca Brandão, o vínculo entre os dois já não era tão forte quanto antes.

Em 53, a *societas* sofreu um grande abalo. Neste ano, Crasso morreu durante uma campanha militar no Oriente contra os partos. O falecimento de Crasso e a possibilidade dos políticos que orbitavam ao redor dele desistirem de apoiar a dupla que restara estremeceram a *societas* ao ponto de quase extingui-la. Tanto César quanto Pompeu passaram a ter dúvidas sobre a continuidade desta relação que até pouco tempo havia proporcionado tantas vantagens para os três. A *societas*, apesar da perda de Crasso, permaneceu de pé, porém mais frágil. Os adversários políticos de César, ou seja, os *optimates* e principalmente Catão, viram o enfraquecimento da *societas* como uma oportunidade de atrair Pompeu para um posicionamento hostil em relação a César.

O ano de 52, por sua vez, selou o fim definitivo da *societas*. Segundo Canfora, neste ano o Senado elevou Pompeu ao posto de *consul sine collega*. Esta nomeação, sem o esperado processo eleitoral, era o sinal de que Pompeu havia abandonado César para aliar-se à facção dos *optimates*. Catão, finalmente, conseguira arrancar Pompeu da esfera de influência de César. Pompeu, por sua vez, já não via a *societas* com os mesmos olhos de antigamente. A

---

<sup>44</sup> Faria (2003, p.397).

morte de Crasso e a ascensão de César enquanto general vitorioso fizeram com que Pompeu temesse ficar subordinado às decisões de César. O ponto central deste afastamento de Pompeu foi o fato de César estar conseguindo equipara-lo e até supera-lo no mérito militar. O ano de 52, cabe frisar, foi o ano em que César liderou a vitória decisiva de Roma sobre os bárbaros liderados pelo arverno Vercingetórix. Após a rendição do líder arverno, a Gália passou a estar definitivamente subordinada a Roma. As notícias da surpreendente vitória cesárea chegaram a Roma e motivaram o rompimento de Pompeu com César. Militarmente, César acabara de superar Pompeu. Este, para não perder seu protagonismo, aliou-se aos *optimates* e deu o golpe final na já combalida *societas*.

A situação vantajosa de César na Gália contrastava com sua situação desvantajosa em Roma. Mesmo sabendo do afastamento de Pompeu, César agiu de maneira a manter a melhor relação possível com Pompeu. Os dois nunca admitiram o fim da *societas* até este momento, apesar de Pompeu ter dado o primeiro passo rumo ao desligamento. César, apesar disso, esforçava-se para manter um bom relacionamento com Pompeu. O primeiro exemplo deste esforço foi solicitar a Pompeu uma permissão para que pudesse concorrer ao consulado de 51 estando ausente de Roma. César alegou que a situação da Gália, apesar de estável, ainda requeria cuidados militares especiais para que mais nenhuma revolta surgisse. Pompeu concedeu a César a permissão, porém meses depois a possibilidade de concorrer *in absentia* não se confirmaria: os inimigos de César no Senado alegaram a impossibilidade jurídica de tal candidatura e proibiram César de concorrer ao consulado. Pompeu nada fez para reverter a situação. A *societas*, definitivamente, estava acabada. A disputa jurídica que surgiu ao final do proconsulado de César girou em torno da condição do retorno de César para Roma. Catão e os *optimates*, em nome da “salvação da República”, desejavam que César retornasse enquanto mero cidadão, destituído de sua magistratura e do comando sobre suas legiões. Já César pretendia garantir seu regresso a Roma enquanto cônsul, magistratura que daria a ele segurança para se proteger das acusações e dos ataques que receberia de seus adversários.

Em 51, a situação de César em Roma se agravou ainda mais. O cônsul Marco Cláudio Marcelo propôs no Senado que César licenciasse todas as suas legiões, pois, como os próprios relatórios de César atestavam, a guerra na Gália já havia terminado. Após a aprovação da proposta do cônsul, Pompeu ainda agiu politicamente de modo a aprovar uma lei que obrigasse a presença, em Roma, de todos os candidatos a magistraturas durante o processo eleitoral. Esta lei fechou ainda mais o cerco político a César.

Diante de conjuntura política tão desfavorável, César iniciou sua *praeparatio* para justificar seus atos durante o proconsulado nas Gálias perante o Senado. Entre 52 e 51, César redigiu os *Comentários* com o objetivo de apresentar aos cidadãos romanos a sua versão sobre os seus feitos na Gália. Nesta obra, objeto de análise de minha pesquisa, o general pretendeu legitimar os seus atos e reafirmar seu respeito à *auctoritas* do Estado romano e sua lealdade a Pompeu. O *De Bello Gallico* foi o instrumento literário criado por César para agir na disputa pelo poder em Roma – uma obra construída sobre a ideia de que César agiu em conformidade com as leis romanas. Sua redação pretendeu combater as acusações proferidas por seus adversários *optimates* e engrandecer sua própria *dignitas* enquanto comandante militar coroado de *gloria* que agiu em nome dos interesses do povo romano. O *De Bello Gallico* pode ser interpretado como um instrumento que César criou para defender sua atuação na Gália e, além disso, para demonstrar aos seus leitores que suas façanhas haviam garantido para si uma *honor* equivalente ou até superior à de Pompeu.

Contudo, a *praeparatio* cesárea não se limitou ao campo literário. Com o objetivo de aumentar a capacidade militar de seu exército, César, segundo Canfora, realizou novos recrutamentos em suas províncias a partir de uma interpretação artilosa sobre um decreto promulgado pelo Senado durante o consulado *sine collega* de Pompeu. Pompeu havia ordenado um recrutamento de novos legionários exclusivamente na região da Itália. Estes legionários estariam exclusivamente sob as ordens de Pompeu. Entretanto, César, baseado no decreto, realizou recrutamentos visando suas próprias legiões e, além disso, tratou de reforçar os laços entre si e suas legiões através do aumento do soldo dos legionários e da participação destes na divisão dos espólios da guerra na Gália. Se no *De Bello Gallico* César apresentou ao seu público leitor o interesse de reafirmar sua lealdade a Pompeu, na prática o general se preparava para o pior: um conflito militar. Este conflito, de fato, aconteceria anos depois e ficaria conhecido como a Guerra Civil que levaria ao fim do sistema republicano e à ascensão de César como ditador de Roma.

### 3 CÉSAR HISTORIADOR? A NATUREZA LITERÁRIA DOS *COMENTÁRIOS*

A principal razão para investigar, nesta pesquisa, a natureza literária do *De Bello Gallico*, ou seja, as características do gênero literário denominado *commentarius* (comentário), foi ter encontrado o nome de Júlio César em uma antologia de historiadores latinos. Organizada por Novak, Neri e Peterlini (1999), a coletânea de textos inicia com excertos das duas obras de César, *De Bello Gallico* e *De Bello Civili* (Sobre a Guerra Civil). Os organizadores da antologia classificaram César como um memorialista. Porém, o ofício de um memorialista e de um historiador pode ser considerado o mesmo? Se a antologia de textos pretendia reunir excertos de historiadores latinos, por que não chamar César de historiador? Após a leitura da coletânea de Novak, Peri e Peterlini, iniciei a investigação da natureza do gênero literário *commentarius* e de que maneira César escreveu o seu *De Bello Gallico* a partir das concepções deste gênero.

Inicialmente, é importante chamar a atenção para duas referências à obra de César. A primeira referência que destaco é a de Aulo Hércio, o autor do livro VIII do *De Bello Gallico*, no prefácio do oitavo volume:

[...] Acrescentei aos **comentários da guerra das Gálias** do nosso César [...] Possam aqueles que lerem estes **comentários** saber quanto eu empreendi reescrevê-los contrariado: espero assim escapar mais facilmente à censura de tola presunção por ter metido o meu trabalho no meio dos escritos de César. É, com efeito, uma verdade aceita por toda a gente que **não existe obra tão cuidadosamente escrita que não ceda à elegância destes comentários. Eles foram publicados para fornecer documentos aos historiadores sobre acontecimentos muito consideráveis, e recolhem tal elogio da opinião de toda a gente, que mais parecem ter encantado que dado aos historiadores o meio para escrever esta história.** E, no entanto, a nossa admiração ainda vai além da dos outros: os outros sabem quais são a perfeição e a elegância da obra; nós, nós sabemos ainda com que facilidade e com que rapidez a escreveu. Ao bom estilo, à elegância natural da expressão César juntava o talento de explicar os seus projetos com uma exatidão absoluta<sup>45</sup>. (BG, 8, Pref.)

Alguns pontos deste excerto merecem uma atenção especial. O primeiro é o próprio uso do termo *commentarii* (comentários) que sinaliza o enquadramento da obra de César em um determinado gênero literário. O segundo é o conjunto de elogios de Hércio à obra de seu comandante. Ele qualificou os *Comentários* como cuidadosamente escritos, elegantes (dotados de *elegantia*, ou seja, de bom gosto, distintos, corretos, claros, exatos<sup>46</sup>), perfeitos e

<sup>45</sup> Original em latim da última expressão: *Erat autem in Caesare cum facultas atque elegantia summa scribendi, tum verissima scientia suorum consiliorum explicandorum.*

<sup>46</sup> Faria (2003, p.343).

estilisticamente bons. Hércio também fez questão de mencionar a facilidade e a rapidez com que César escreveu o *De Bello Gallico*, realçando, desta forma, as qualidades literárias de um general que não tinha dificuldades para expressar suas ideias de maneira escrita. Como é possível observar, Hércio demonstrou logo no prefácio de seu livro oitavo a clara intenção de exaltar o seu comandante. Suas palavras compõem a figura de um César não apenas general, mas também orador culto e refinado que era capaz de demonstrar bom desempenho tanto no campo de batalha quanto no campo das letras.

Outros pontos deste trecho também merecem destaque. O primeiro deles é a declaração de Hércio ao afirmar que César, ao publicar o *De Bello Gallico*, teve a intenção de fornecer um material de consulta para os historiadores que porventura decidissem escrever uma história da guerra da Gália ou até de Roma. Chama a atenção nesta afirmação de Hércio a ideia de que o trabalho do historiador necessitava, já na Roma Antiga, de fontes de pesquisa que fornecessem subsídios para a escrita da história. O segundo é a maneira como Hércio se referiu à guerra da Gália: um acontecimento muito considerável, ou seja, muito importante. O terceiro é a menção breve de Hércio sobre a recepção do *De Bello Gallico* entre seus leitores: todas as pessoas o elogiaram (transmitindo a ideia de que a integralidade da opinião pública em Roma recebeu o *De Bello Gallico* com elogios e louvores). Por fim, Hércio, de forma surpreendente, negou o que dissera anteriormente sobre o *De Bello Gallico* poder vir a servir como material de consulta para os historiadores: os *Comentários* de César encantaram tanto os seus leitores que o relato cesáreo era mais do que suficiente para compreender a guerra da Gália. Ou seja, o *De Bello Gallico* cativou mais os seus leitores do que deu aos historiadores uma fonte para que pudessem vir a escrever a história da guerra. A *elegantia* de César, segundo Hércio, foi suficiente para bem informar os romanos. Depois de tanto encantamento, por que escrever a história sobre a guerra da Gália? César, através dos seus *Comentários*, já havia contado esta história. Aulo Hércio, evidentemente, prestou em seu prefácio um grande louvor ao seu general: uma história poderia ser escrita, futuramente, sobre a anexação da Gália ao *imperium romanum*, porém, depois dos *Comentários* de César, nada mais precisava ser escrito sobre esta anexação.

A segunda referência ao *De Bello Gallico* foi feita, surpreendentemente, por um adversário político de César: Marco Túlio Cícero. Em seu diálogo *Brutus*, Cícero analisou as qualidades oratórias de César e qualificou as duas obras cesáreas, o *De Bello Gallico* e o *De Bello Civili*:

**César, porém, recorrendo a um princípio racional, corrige o vicioso e deteriorado uso [da língua latina] com o uso puro e íntegro.** Por isso, por um lado, a essa **elegância dos termos latinos** – que, no entanto, é necessária, **embora orador não seja mas seja um livre cidadão romano – acrescenta os ornamentos da linguagem oratória;** por outro lado, é como se colocasse as telas bem pintadas em boa luz. **Enquanto obtém esse mérito notável entre as qualidades comuns, não vejo a quem deva ceder. Possui um método oratório esplêndido** e que não se resume à experiência, e também de certo modo **magnífico e nobre na voz, no movimento, na forma.** Bruto, então: - Sim, seus discursos me agradaram muito. Li, porém, só alguns; e **ele também escreveu alguns comentários sobre seus feitos.** – São realmente louváveis, acrescentei. Com efeito, **são desnudos, simples e elegantes, como se fosse retirada a veste de todo ornamento do discurso. Mas, ao desejar que estivesse à disposição de outros os elementos donde possam se apropriar os que quiserem escrever história, fez talvez um bem aos ineptos, que desejarão frisá-los com calamístros; é verdade que homens sensatos dissuadiu de escrever; com efeito, nada é mais agradável em história que a pura e clara brevidade.** (B, 75, 261-262)

Inicialmente, Cícero elogiou César em seu uso correto, puro e íntegro da língua latina, destacando o domínio cesáreo sobre a linguagem formal. Cícero, assim como Hércio, também mencionou a *elegantia* de César na escrita, porém afirmou que César não podia ser considerado um orador, mas sim um cidadão romano capaz de utilizar um método oratório bastante qualificado. Chama a atenção o fato de Cícero, no *Brutus*, não atribuir a César a qualidade de orador, afinal César não foi apenas um comandante militar, mas também um político de renome que chegou a exercer as magistraturas de senador e de cônsul (César, inclusive, foi senador durante o consulado de Cícero). Apesar desta suave crítica a César, Cícero prosseguiu com elogios ao seu talento para proferir discursos tanto escritos quanto orais. Em seguida, Cícero associou a noção de *commentarii* aos feitos pessoais de César, atribuindo ao gênero *commentarius* um caráter intimista. Assim como Hércio, Cícero entendeu o *commentarius* como um gênero de escrita memorialista no qual o autor procura revelar seus pensamentos, suas ações, suas opiniões e suas memórias. Seguindo Hércio, Cícero elogiou tanto o *De Bello Gallico* quanto o *De Bello Civili*, destacando nestes trabalhos a ausência de ornamentos (de “floreios” retóricos desnecessários) e a *simplicitas* (simplicidade<sup>47</sup>) e a *elegantia* estilísticas.

Cícero deu prosseguimento à ideia de que os *commentarii* eram fontes importantes de consulta para os historiadores que futuramente quisessem escrever histórias. Assim como em Hércio, o caráter preliminar do *commentarius* foi destacado por Cícero. Ambos interpretaram o *commentarius* como um gênero de escrita que produz obras que não se bastam por si mesmas, como se estivessem incompletas ou servissem como base para a produção de escritos

---

<sup>47</sup> Faria (2003, p.923).

literários mais complexos. Paradoxalmente, apesar da utilidade dos *Comentários* de César enquanto fontes de pesquisa para a composição de novas obras, Cícero afirmou que César teria convencido os homens sensatos a não escreverem mais nenhuma linha sobre a guerra da Gália. Os *Comentários*, segundo o próprio Cícero, já bastavam para o público leitor compreender os eventos da Gália na sua totalidade. Se o *De Bello Gallico* era suficiente por si mesmo, por que ele serviria como base para a composição de futuras histórias? Esta oscilação entre o caráter preliminar dos *Comentários* cesáreos e sua autossuficiência enquanto obra literária completa alerta para um fator determinante: Júlio César. As leituras de Hércio e de Cícero deram a entender que César utilizou-se de um gênero literário insuficiente por si só, mas, ao adotá-lo, o general e literato o reelaborou de forma única e pessoal. Em outras palavras: César adotou uma tradição literária de obras qualificadas como *commentarii*, porém, ao escrever em sua barraca, dentro de um forte romano em plena Gália, após derrotar Vercingetórix, depois de oito anos de intensa diplomacia e de duras batalhas militares, o general criou os seus *commentarii*. Por fim, Cícero não considerou a obra de César uma escrita da história, porém havia nos *Comentários* cesáreos duas características que Cícero apreciava em obras históricas: a clareza e a brevidade.

É interessante observar o significado que Faria atribuiu em seu dicionário ao termo *commentarius*. Segundo Faria (2003, p.209), o *commentarius* poderia ser um livro de notas ou de apontamentos, um conjunto de memórias, um registro ou arquivo dos magistrados, um diário, um rascunho ou um projeto de discurso. É curioso perceber que todos os significados de *commentarius* possuem um caráter íntimo do escritor em relação ao seu escrito, tão pessoal que pode ser compreendido como um conjunto de anotações semelhantes a um rascunho ou a um projeto que visa elaborar uma obra superior, mais completa ou acabada. O *commentarius* seria uma preparação prévia para realizar uma obra final. Entretanto, os *Comentários* de César não foram redigidos enquanto anotações prévias que pretendiam servir de base para a criação de uma obra mais refinada. Conforme dito anteriormente, César adotou um gênero de escrita e o reelaborou segundo seus interesses e necessidades. Políticos como Marco Emílio Escauro, Públio Rutílio Rufo, Lúcio Cornélio Sula e Quinto Lutácio Cátulo, por exemplo, adotaram o gênero *commentarius* para compor as memórias de seus feitos durante suas carreiras políticas. Os escritos destes autores, contudo, afirma Fornara (1983), não tiveram a mesma destinação que César deu aos seus *Comentários*. Havia em seus textos a intenção de se comunicar com o público letrado de Roma, afinal a conjuntura política desfavorável impeliu César a realizar um esforço para justificar seus atos diante do povo romano. Portanto, os *Comentários* de César



não podem ser classificados enquanto meras memórias privadas. O caráter retórico de seus sete livros comprova que havia na obra a clara intenção de explicar ao público romano os motivos pelos quais agiu da forma narrada nos *Comentários*. Os trabalhos de Escauro, Rufo, Sula e Cátulo não foram escritos para serem lidos por um grande número de pessoas. César, ao contrário, queria que seus *Comentários* fossem lidos pelo máximo possível de romanos e, além disso, queria que os leitores de sua obra contassem aos romanos não letrados o que ele havia escrito.

Os *Comentários* cesáreos, segundo Canfora, foram reelaborações literário-propagandísticas dos relatórios e das cartas que César enviou periodicamente ao Senado e aos seus legados durante os anos em que esteve na Gália. Há nesta interpretação de Canfora a ideia de que César utilizou tais relatórios e cartas como fontes de informação para compor os seus *Comentários*. Após longos anos de campanhas militares e de negociações diplomáticas, o general reuniu o que ele próprio havia escrito ao longo de seu proconsulado para compor uma obra original. Há também em Canfora a ideia de que o *De Bello Gallico* possui um caráter retórico que sustenta o propósito da obra. A intenção de César era convencer, persuadir. O *De Bello Gallico* era a versão do próprio César sobre os eventos transcorridos na Gália. Se os relatórios enviados ao Senado não foram suficientes para trazer a César a tranquilidade política que ele esperava ao final de seu proconsulado, então o *De Bello Gallico* devia preparar o terreno político para o retorno de César. Os *Comentários*, publicados provavelmente em 51, não foram lidos apenas pelos magistrados romanos (fossem eles aliados ou inimigos), mas também por muitos cidadãos romanos admiradores de César que representavam-no nos círculos sociais da *plebs* e da *civitas*. É interessante notar que César não compôs o *De Bello Gallico* para justificar e legitimar suas ações perante a plebe e os cidadãos mais modestos de Roma: entre estes a idolatria por César não demandava nenhuma composição literária porque a própria palavra de César, transmitida por seus porta-vozes, já era suficiente. Os *Comentários* foram um instrumento literário, ou seja, um discurso político que devia reverter um mal-estar existente na esfera da tomada das decisões políticas de Roma. Os detentores do poder nesta esfera eram, majoritariamente, membros da *nobilitas*.

Além da *simplicitas* e da *elegantia* cesáreas, destacou-se nos *Comentários* a *gravitas* (seriedade<sup>48</sup>) com a qual César escreveu seus relatos. Conforme Hércio e Cícero disseram em suas obras, o estilo de escrita de César não era carregado de floreios. A objetividade caracteriza o *De Bello Gallico*. O tom de sua escrita foi marcadamente o de um militar que

---

<sup>48</sup> Faria (2003, p.435).

não tinha muito tempo a perder. A riqueza de detalhes empregada por César encontra-se nas descrições da dinâmica das batalhas, da movimentação das legiões, das rodadas de negociações diplomáticas com os líderes bárbaros e da geografia dos lugares pelos quais o general e suas legiões passaram. Os esforços retóricos de César para cativar, deslumbrar, emocionar e convencer o leitor foram severamente pontuais. As aparências de distanciamento e de imparcialidade criadas por César estão diretamente vinculadas ao recurso de referir-se a si mesmo na terceira pessoa do singular. O narrador, portanto, é anônimo na medida em que César não se identifica como o autor utilizando a primeira pessoa do singular. Nos *Comentários*, a pretensão de narrar os eventos com imparcialidade mascarou a intenção de César de atribuir aos eventos o significado que ele próprio desejou:

**É relatado a César** que os helvécios pretendem, ao passar pelo território dos sequanos e dos éduos, chegar ao país dos sântones, que não fica longe do país dos tolosates, o qual faz parte da Província [romana]. [César] **Compreendia** que, se esta operação se cumprisse, dela resultaria grande perigo para a Província, que teria por vizinhos, num país aberto e rico em trigo, homens belicosos e inimigos do povo romano. (*BG*, 1, 10)

De acordo com a interpretação de Fornara, o *commentarius* pode ser compreendido como uma reminiscência literária e política. Apesar de envolver a memória e o passado, o *commentarius* não pode ser entendido como uma manifestação do gênero *historia* (História). Os *Comentários* de César, segundo Fornara, diferem da História nos seguintes pontos: 1) inexistência de um prefácio caracteriza a *brevitas* (brevidade, concisão<sup>49</sup>) do relato cesáreo; 2) ausência de uma apresentação pessoal de César engrandece sua pessoa na medida em que sugere que todos os leitores da obra já sabiam ou deviam saber quem era César; 3) o caráter retórico da obra não é tão elaborado quanto o das obras historiográficas, destacando assim a *simplicitas* (simplicidade) e novamente a *brevitas* dos *Comentários*; 4) seu desenvolvimento linear é estreito e restrito, na medida em que a maior parte do relato está concentrada nas causas e nas consequências dos conflitos entre romanos e bárbaros na Gália; 5) os fatos relatados por César não estão absorvidos em um contexto mais amplo, pois o relato está focado apenas nos eventos relacionados à diplomacia e à guerra entre romanos e bárbaros (o leitor não é informado no *De Bello Gallico* sobre a disputa política que acontecia em Roma entre os aliados e os adversários de César); 6) descrição cuidadosa de detalhes ao apresentar a dinâmica das movimentações das legiões, dos combates, das negociações diplomáticas, dos

---

<sup>49</sup> Faria (2003, p.142).

discursos indiretos dos personagens, do relevo das regiões e dos costumes dos povos bárbaros.

É possível compreender, a partir de Fornara, que o *commentarius* foi um gênero caracterizado pelo desenvolvimento de um conjunto de memórias que desempenhavam uma função de apologia pessoal. Como dito anteriormente, o gênero era caracterizado enquanto reminiscência pessoal e política. Os escritores que adotaram este estilo de escrita foram principalmente políticos que exerceram magistraturas importantes.

Segundo Fornara, a origem do gênero latino *commentarius* pertenceu à tradição literária helenística. O primeiro a escrever memórias sobre sua carreira política que tinham por objetivo explicar e justificar suas ações foi Arato de Sicião. O estilo de escrita de Arato recebeu o título de *hypomnemata* e era caracterizado por apresentar memórias de caráter íntimo (autobiográficas) focadas nos eventos políticos nos quais o autor havia participado. A recepção da tradição literária helenística em Roma, contudo, não converteu o título do gênero *hypomnemata* para uma nomenclatura correspondente em latim. Em Roma, esta recepção do gênero helenístico, mais preocupada com o estilo de escrita do que com a nomenclatura do gênero, pode ser evidenciada nas memórias escritas por políticos romanos tais como Marco Emílio Escauro, Públio Rutílio Rufo, Lúcio Cornélio Sula e Quinto Lutácio Cátulo<sup>50</sup>. Estes políticos e escritores romanos, inspirados em Arato, escreveram memórias de caráter autobiográfico delimitadas à exposição de um assunto de interesse pessoal.

Fornara alerta para a outra assimilação possível do termo *commentarius*, em sintonia com Faria: um registro escrito para uso pessoal, tal como um rascunho ou um conjunto de notas que serviriam de base para a criação de um trabalho literário mais sofisticado e elaborado. Se aplicarmos esta assimilação do termo *commentarius* às obras de Escauro, Rufo, Sula e Cátulo, não encontraremos correspondência. Estes políticos não utilizaram o termo *commentarius* nos títulos de suas obras porque não consideravam seus trabalhos enquanto esboços, mas sim obras acabadas. O termo correto para classificar o gênero de escrita empregado por estes autores seria o próprio termo helenístico, *hypomnemata*, tal como Arato o praticou. Contudo, conforme dito acima, a língua latina não possuía um termo que correspondesse ao sentido de *hypomnemata*. Desta forma, o *hypomnemata* helenístico equivaleria, apesar de todas as dificuldades de conversão mencionadas acima, ao

---

<sup>50</sup> Neste ponto, as interpretações de Canfora e de Fornara coincidem. Contudo, Fornara problematizou o uso da nomenclatura *commentarius* enquanto Canfora esteve mais preocupado com o estilo de escrita.

*commentarius* latino enquanto memória política e apologética (tal como César compreendeu o *commentarius* em seu *De Bello Gallico*).

A questão central para compreendermos o significado do termo *commentarius* no *De Bello Gallico* de César, de acordo com Fornara, é o fato de César ter se apropriado do *commentarius* para então depois reconstruí-lo de acordo com os seus interesses. César, ao mesmo tempo, quebrou o padrão do *commentarius* enquanto notas preliminares para depois reformulá-lo enquanto uma obra acabada marcada por um caráter memorialista, autobiográfico e político.

## 4 O *POPULUS ROMANUS* E A DIPLOMACIA

### 4.1 O conceito de representação segundo Roger Chartier

Os capítulos 4, 5 e 6 apresentam a análise da fonte história *De Bello Gallico*. A investigação tratou de esclarecer como e por que o termo *populus romanus* foi utilizado por César ao longo de sua obra.

O referencial teórico desta pesquisa é o conceito de representação tal como ele é interpretado segundo Chartier. Em seu célebre texto “O mundo como representação”, Chartier (1991) apresenta uma metodologia histórica centrada na História Cultural do Social. Esta História Cultural do Social tem como objetivo investigar os processos pelos quais os agentes sociais (seja um indivíduo ou um grupo) constroem determinados sentidos ou significados para o mundo em que vivem. Um mundo social enquanto representação significaria, portanto, compreender que a realidade, os indivíduos, os grupos sociais, as identidades e os fatos não possuem sentidos por si próprios, mas podem vir a possuir através da concessão, da criação, da produção ou da construção destes sentidos. O instrumento ideológico desta produção de significado é a representação.

Chartier entende a construção de representação enquanto uma prática cultural e sociopolítica na medida em que é abastecida pelos valores culturais e pelo imaginário social e também porque seu alcance pode atingir o centro de decisões da política. Toda produção de representações, seja por um indivíduo ou por um grupo, responde a certos interesses culturais e sociopolíticos (os discursos não são neutros). A partir destes interesses uma estratégia é definida. Em seguida, a partir desta estratégia, as representações são utilizadas como instrumentos que visam atingir tanto objetivos simbólicos quanto materiais. Para Chartier, a representação admite uma equivalência com valor de verdade entre si e a realidade que pretende representar. Há, nesta relação, a pretensão de que o público ao qual se destina certa representação vá conhecer determinada realidade tal como ela é ou foi (no caso de representações sobre indivíduos ou eventos do passado). Chartier também alerta para as lutas de representações. A assimilação do conteúdo de determinada representação pode gerar tensões sociais na medida em que indivíduos ou grupos distintos possam ter concepções diferentes sobre o mesmo evento ou indivíduo do presente ou do passado. Neste sentido, a construção de representações pode gerar disputas políticas nas quais cada indivíduo ou grupo,

em nome da defesa de seus interesses, irá buscar a legitimação e a justificação de suas metas, da sua visão de mundo e das suas ações.

#### 4.2 O conceito de representação segundo Chartier aplicado ao *De Bello Gallico*

A partir do referencial teórico supracitado, foi possível identificar quatro representações fundamentais nos *Comentários* de César. A saber: o *populus romanus*, ‘César’ (o personagem citado sempre na terceira pessoa do singular), os bárbaros (o conjunto de povos não romanos: gauleses, belgas, aquitanos, bretões e germanos e suas respectivas sociedades) e as legiões (os legionários e os militares de patentes mais altas, tais como os centuriões). Cada uma destas representações foi construída por César e desempenhou uma função nos *Comentários*. O objetivo desta pesquisa é analisar os usos do *populus romanus*, porém a análise destes usos depende do entendimento das outras três representações. Este quarteto representacional está conectado. A partir deste capítulo, analisarei os usos do *populus romanus* estabelecendo conexões com as representações de ‘César’, dos bárbaros e dos legionários.

#### 4.3 O *populus romanus* e a diplomacia

Entre os setenta e nove usos do *populus romanus* no *De Bello Gallico*, quarenta usos estão circunscritos à esfera das relações diplomáticas entre César, representante do povo romano, e os bárbaros. Apesar do caráter diplomático da relação, é importante destacar que ela foi assimétrica, ou seja, César possuía sempre a última palavra nos momentos decisivos, cabendo aos bárbaros acatá-la. A diplomacia entre romanos e bárbaros esteve implicada nas alianças, na amizade, na hospitalidade e nas negociações que visavam o benefício mútuo:

Uma vez terminada a guerra contra os helvécios, **deputados de quase toda a Gália e os principais cidadãos de cada cidade** vieram felicitar César. **Compreendiam**, diziam eles, que **o povo romano**<sup>51</sup>, **ao fazer a guerra contra os helvécios, vingara velhas injúrias, porém a terra da Gália não retirava daí menos vantagem que Roma**; porque os helvécios só tinham deixado o seu país em plena prosperidade para levarem a guerra através de toda a Gália, dela se tornarem senhores, escolherem entre tantas regiões aquela que julgassem mais favorável e mais fácil de toda a Gália e tornarem os outros Estados tributários. (*BG*, 1, 30)

---

<sup>51</sup> O *populus romanus* enquanto César.

**Os éduos** e os seus clientes por duas vezes lutaram com eles [os germanos]; foram repelidos, sofrendo um grande desastre, nela perdendo toda a sua nobreza, todo o seu Senado, toda a cavalaria. Esgotados por estes combates desastrosos, viram-se na obrigação, eles que pela sua coragem e pelos seus **laços de hospitalidade e de amizade com o povo romano**<sup>52</sup> se tinham tornado, havia pouco ainda, tão poderosos na Gália, de dar como reféns aos sequanos os seus mais nobres cidadãos [...] (BG, 1, 31)

[...] [César] demonstrava-lhe [ao germano Ariovisto] ainda quanto eram **velhas** e quanto eram **justificadas as razões da amizade que ligavam os romanos aos éduos**; quantos senatus-consultos, e quão honrosos, tantas vezes tinham sido feitos a seu favor; como sempre, antes mesmo de terem procurado a **nossa amizade**, os éduos exerceram o seu principado sobre a Gália inteira. **Era um hábito do povo romano**<sup>53</sup> **querer que seus aliados e os seus amigos não só nada perdessem do seu poder, como viessem a aumentar o seu crédito, a sua dignidade, a sua consideração** [...] (BG, 1, 43)

Neste Estado, dois homens disputavam o poder: Induciomaro e Cingétorix. O segundo, **mal soube da vinda de César e das suas legiões, veio procurá-lo, garantiu-lhe que ele e todos os seus se manteriam no dever e não faltariam à amizade do povo romano**<sup>54</sup>, e instruiu-o do que se passava entre os tréviros. (BG, 5, 3)

A boa relação entre César e os líderes bárbaros também beneficiava os povos bárbaros na medida em que César, em nome do povo romano, poderia fornecer ajuda na forma de proteção militar:

Não se esperava [dos romanos] uma marcha tão rápida, **os remos** que são, entre os belgas, os vizinhos próximos da Gália, **enviaram-lhes** [aos romanos] **dois deputados**, Ício e Andocumbório, os primeiros do seu Estado, **para lhe dizerem** [a César] **que punham as suas pessoas e os seus bens à guarda e sob a proteção do povo romano**<sup>55</sup>; que não tinham partilhado o sentimento dos outros belgas nem conspirado contra o povo romano<sup>56</sup>; que estavam prontos a dar-lhe reféns, a executar as suas ordens, a recebê-lo nas suas cidades, a fornecer-lhe víveres e toda a espécie de socorro [...] (BG, 2, 3)

A *fidelitas* dos povos bárbaros em relação ao povo romano poderia vir de maneira espontânea, quando, por exemplo, as sociedades bárbaras rendiam-se a César e ao povo romano de bom grado, sem a necessidade de um conflito militar:

[...] [César] recebeu a submissão dos suessiões e marchou contra os belóvacos. Estes tinham se encerrado com todos os seus bens na praça de Bratuspância; César e o seu exército estavam a cerca de cinco mil passos desta praça, quando **todos os anciãos, saindo da cidade, estenderam as mãos para ele e pediram a palavra para lhe**

<sup>52</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

<sup>53</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

<sup>54</sup> O *populus romanus* enquanto César.

<sup>55</sup> O *populus romanus* enquanto César.

<sup>56</sup> O *populus romanus* enquanto César.

**dizer que se punham à sua discrição e não empreenderiam lutar contra o povo romano<sup>57</sup>. Como se tinha aproximado da praça e estabelecia o seu campo, as crianças e as mulheres, do alto das muralhas, de mãos estendidas no gesto que lhes é habitual, pediram a paz aos romanos. (BG, 2, 13)**

Em alguns casos, a *fidelitas* bárbara surgiu somente após um combate militar contra os romanos. Neste caso, a boa relação diplomática entre os romanos e o povo bárbaro agressor que se rendeu tornou-se possível apenas graças à *clementia* de César:

Enquanto César se demorava nestes lugares para aprestar os seus navios, **uma grande parte dos mórinos enviou-lhe deputados para se desculpar da sua conduta passada e da guerra que, como homens bárbaros e ignorantes do nosso caráter, tinham feito ao povo romano<sup>58</sup>; prometiam fazer aquilo que César ordenasse. Este, achando esta ocasião bastante favorável, pois não queria deixar inimigos atrás de si, estava a estação demasiado adiantada para fazer a guerra e a expedição da Bretanha em sua opinião era considerada muito acima dos fracos cuidados, exige um grande número de reféns. São-lhes trazidos e ele recebe a sua submissão. (BG, 4, 22)**

Outros três fatores chamam a atenção neste jogo diplomático: as exigências cesáreas de trigo, tributo e reféns. O trigo, substância fundamental para a provisão da alimentação dos legionários, era uma necessidade constante na logística militar romana. César exigia que os aliados bárbaros enviassem remessas periódicas de trigo para que fosse possível providenciar a alimentação dos legionários:

Entretanto, **César insistia** todos os dias com os éduos **para que lhe entregassem o trigo que oficialmente tinham prometido**; porque, por causa do frio (a Gália, como anteriormente se disse, tem uma situação setentrional) não só as searas não estavam amadurecidas nos campos, como a própria forragem não era em quantidade suficiente; quanto ao trigo que subira o [rio] Saône em navios, não podia utilizá-lo, porque os helvécios se tinham afastado do Sâone e não queria perder o contato com eles. **Os éduos deixavam passar os dias; diziam que juntavam os cereais, que os transportavam, que chegavam. Quando viu que as coisas se arrastavam demasiado e se aproximava o dia em que tinha de distribuir a sua ração de trigo aos soldados, convoca os principais éduos**, que estavam em grande número no seu campo [...] (BG, 1, 16)

O tributo, por exemplo, foi uma imposição de César aos povos bretões. Uma vez que estes estavam submetidos ao povo romano via César, o procônsul exigiu que a boa diplomacia fosse sustentada através do pagamento de um tributo anual destas sociedades ao erário romano. Por fim, a exigência de reféns era uma estratégia de César cujo objetivo era manter

<sup>57</sup> O *populus romanus* enquanto César.

<sup>58</sup> O *populus romanus* enquanto César.



os aliados bárbaros sob seu controle. A manutenção de nobres membros das aristocratas bárbaras sob custódia garantia a obediência destas sociedades às ordens do procônsul:

**César**, que decidira passar o inverno no continente, por causa dos súbitos movimentos que podiam produzir-se na Gália, vendo que o verão se aproximava do seu termo e o inimigo facilmente podia arrastar a questão por muito tempo, **exige reféns e fixa o tributo que a Bretanha pagaria todos os anos ao povo romano**<sup>59</sup> [...] (BG, 5, 22)

Os usos diplomáticos do *populus romanus* estão vinculados à representação que César criou de si mesmo (o personagem ‘César’) desde o livro I do *De Bello Gallico*. Quando os helvécios provocaram um clima hostil contra os romanos ao tentarem passar à força pela província Narbonense (após César ter negado a passagem), o general, enquanto intérprete dos interesses de Roma, deixou claro ao seu leitor que havia duas preocupações em sua mente. A primeira foi defender a província, território romano, a qualquer custo. A segunda foi defender os aliados gauleses que residiam na província e nas regiões circunvizinhas (merece destaque: César pretendeu defender seus aliados gauleses de outro povo gaulês – os helvécios). Dadas estas justificativas, o procônsul iniciou a campanha militar que levaria à sua primeira vitória na Gália. Ainda no livro I, César novamente fez questão de ressaltar a importância diplomática de sua magistratura. César não atuava apenas como um líder militar. Havia no seu cargo público uma função de gerir as boas relações com os povos estrangeiros. Quando os germanos liderados por Ariovisto adentraram na Gália, César alegou as mesmas duas preocupações para iniciar uma guerra: proteger a província e os povos gauleses amigos do povo romano.

A busca pela tão desejada “pacificação da Gália”, apesar desta implicar uma relação assimétrica na qual a “paz” era gerida fundamentalmente pelos romanos, dependia da criação de boas relações com os aliados bárbaros. Este ‘César’ na terceira pessoa do singular, ou seja, esta representação de si mesmo criada por César, tinha a função de fortalecer alianças já existentes (intercedendo para evitar crises políticas no interior das sociedades aliadas ou dirigindo assembleias dos gauleses, por exemplo) e de criar novas. Não haveria meios de “pacificar” uma região tão vasta sem o apoio dos povos que ali viviam, pois os romanos estavam em menor número na Gália. César não só favoreceu seus aliados bárbaros como também os defendeu e fortaleceu-os. As manobras para criar estas alianças procederam da seguinte maneira. Cada sociedade bárbara possuía um grupo social composto por nobres.

---

<sup>59</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

Entre estes nobres bárbaros, César aliciava aqueles mais propensos a fazerem alianças consigo. Os nobres não favorecidos por César passavam a nutrir um ódio mortal contra o procônsul e os romanos, tornando-os, desta forma, possíveis inimigos no futuro. Entre os nobres cooptados por César é possível destacar o éduo Diviciaco. Este importante comandante éduo é mencionado por César no livro I e é retratado como um exemplo da *fidelitas* e da *amicitia* que o procônsul esperava de seus aliados estrangeiros:

Uma única consideração, não obstante todas as outras, o retinha [César], era a de conhecer a **completa dedicação de** seu irmão **Diviciaco** [irmão de Dúmnorix] **ao povo romano**<sup>60</sup>, **a extrema amizade que nutria por ele, a sua fidelidade incomparável, a sua retidão, a sua moderação; temia, com efeito, ver Diviciaco afastar-se de si** ao enviar seu irmão para o suplício. (*BG*, 1, 19)

Entretanto, como as alianças almejadas por César sempre estiveram marcadas pela assimetria, ele logo fez questão de destacar Diviciaco em uma posição subalterna poucas frases depois do elogio acima:

**Diviciaco, banhado em lágrimas, abraça César e roga-lhe** que não seja demasiado severo para seu irmão: sabia que tudo era verdade, e ninguém tinha com isso mais desgosto do que ele [...] [Diviciaco] falava com fluência e **chorava. César agarra-lhe a mão, consola-o, pede-lhe que termine com as suas súplicas, anuncia-lhe que dá suficiente importância à sua amizade** [...] (*BG*, 1, 20)

O interesse diplomático através dos usos do *populus romanus* tinha quatro pilares: defender a província Narbonense e a Itália, manter e estender o *imperium romanum* sobre a Gália (afinal, havia uma noção de pertencimento de César, em nome do povo romano, em relação à Gália *Comata*), proteger as sociedades bárbaras amigas do povo romano e impedir, de todas as formas possíveis, a perigosa entrada dos germanos na Gália através do rio Reno. Não só os germanos eram uma ameaça à continuidade do *imperium romanum* na Gália, mas também as próprias sociedades bárbaras que habitavam a vasta Gália *Comata*. No livro II, os belgas, que contavam com aliados gauleses e germanos, foram os responsáveis por iniciar um período de hostilidades contra a presença romana. A maioria das sociedades belgas formou um grande exército e marchou contra os romanos. Diante desta ameaça (afinal, é importante lembrar que, na opinião de César, os belgas eram os mais ferozes e os mais corajosos povos habitantes da Gália, conforme ele próprio frisou nas primeiras linhas de seu *De Bello Gallico*), César tratou de estabelecer alianças diplomáticas com algumas sociedades belgas (o caso dos remos, mencionados anteriormente) que não estavam dispostas a arriscar a sorte

<sup>60</sup> O *populus romanus* enquanto César.

contra os romanos. O general imediatamente prometeu que iria defendê-los: César não poderia dar-se ao luxo de não contar com o maior número de aliados possível. O procônsul, nos conflitos que ele próprio relatou em sua obra, sempre esteve em desvantagem numérica em relação aos exércitos adversários.

Ao longo das campanhas militares, César também se dispôs a estabelecer alianças com povos germanos. No livro IV, o procônsul narra que empreendeu a construção de uma engenhosa ponte sobre o rio Reno não com o objetivo de cruzá-lo para conquistar a *Germania* (Germânia), mas sim para aterrorizar os germanos que constantemente causavam problemas na Gália. Algumas sociedades germanas, quando foram informadas de tamanha façanha (um feito inédito até então), trataram de não hostilizar os romanos e preferiram submeter-se. Neste ponto, a representação que César construiu para si mesmo apresentou um general capaz de levar o terror àqueles que haviam aterrorizado os romanos na guerra contra Ariovisto, ainda no primeiro ano do proconsulado de César. Mais calejados, os legionários romanos já não temiam os germanos. César auxiliou na proteção dos povos germanos aliados contra outros povos germanos inimigos do povo romano. Após a submissão de alguns povos germanos e a garantia de que a *Germania* não causaria mais problemas a César (pelo menos por enquanto), o general ordenou o retorno das legiões à Gália e a destruição da ponte.

César atuou diplomaticamente da mesma maneira nas suas expedições à *Britannia*. Ao longo das regiões litorâneas, o procônsul tratou de criar vínculos diplomáticos com alguns povos bretões. Estes povos aliados aceitaram submeter-se a Roma. Todavia, os povos bretões hostis aos romanos, habitantes das regiões mais interioranas da *Britannia*, não admitiram a presença romana e tentaram expulsá-los.

Outro fator vinculado à postura diplomática romana na Gália foi a *clementia* cesárea. César, diversas vezes, aceitou a rendição e concedeu o perdão a povos bárbaros que cometeram alguma hostilidade contra os romanos presentes na Gália *Comata*. Geralmente, quando imaginamos o contexto de uma guerra, não cogitamos a possibilidade de que o vencedor interrompa seus avanços durante a batalha para perdoar o ataque do seu agressor. Porém, o general, ao escrever seu *De Bello Gallico*, segundo Ames, fez questão de destacar que ele próprio não viajara para a Gália em busca de chacinas sanguinárias (uma resposta direta a seus detratores *optimates*). O ‘César’ criado por César, ou seja, a representação criada pelo procônsul de si mesmo considerava, sempre quando possível, a possibilidade de perdoar seu agressor bárbaro para que ele viesse a se submeter ao seu comando. Caso a *clementia* de César fosse traída posteriormente, dificilmente o general concederia uma segunda chance.

Muito provavelmente o traidor sofreria um castigo duríssimo, permanente e irreversível através de um combate militar. Ao lado da *clementia* de César encontrava-se também sua *prudencia* (previdência, prudência, previsão<sup>61</sup>): o agressor perdoado no presente seria aliado do povo romano no futuro. A *clementia* cesárea está presente no *De Bello Gallico* de forma tão marcante que surge, inclusive, através da atuação de um enviado de César:

Não estava nos seus hábitos [de César] nem nos do povo romano<sup>62</sup> resignar-se a abandonar aliados muito merecedores e por outro lado não pensava que a Gália pertencesse mais a Ariovisto que ao povo romano<sup>63</sup>. **Os arvernos e os rutenos foram vencidos por Quinto Fábio Máximo e o povo romano<sup>64</sup> tinha-lhes perdoado sem reduzir o seu país a província nem lhes impor tributo.** (*BG*, 1, 45)

Outra demonstração da *clementia* cesárea foi sua postura em relação aos helvécios e seus aliados. Após sua vitória, o general tinha à mercê de suas intenções povos derrotados que poderiam ter sido escravizados ou até dizimados. Porém, César, em uma manobra dupla de benevolência e de estratégia militar defensiva, proporcionou as condições necessárias para que os bárbaros derrotados reconstruíssem e recuperassem suas forças, suas cidades, suas habitações e, principalmente, suas terras:

[César] **Ordenou aos helvécios, aos tulingos, aos latobriges, que voltassem aos países de onde tinham partido;** como tinham destruído todas as suas culturas [plantações] e nada mais possuíam com que se alimentarem, **ordenou aos alóbroges [aliados dos romanos] que lhes fornecessem trigo e impôs-lhes que reerguessem as cidades e as aldeias que tinham incendiado. Agiu assim porque acima de tudo não queria deixar deserto o país que os helvécios abandonaram, com medo de que a qualidade do solo atraísse do seu país para o dos helvécios os germanos de além Reno, e passassem assim a ser vizinhos da Província e dos alóbroges.** (*BG*, 1, 28)

A representação dos bárbaros elaborada por César também compõe o cenário dos usos do *populus romanus* na esfera diplomática. César representou os povos bárbaros enquanto indivíduos que poderiam tanto aliar-se a Roma quanto odiá-la ou traí-la. O interesse por uma aliança poderia partir tanto dos bárbaros quanto dos romanos. Em seus *Comentários*, César mencionou os interesses das duas partes. Quando povos gauleses sentiram-se ameaçados pela vinda dos germanos à Gália (germanos que já haviam estabelecido alianças com outros povos gauleses), foi a César que eles recorreram para pedir ajuda. César deixou claro em sua obra

<sup>61</sup> Faria (2003, p.815).

<sup>62</sup> Equivalência direta e explícita entre Júlio César e o *populus romanus*.

<sup>63</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

<sup>64</sup> O *populus romanus* enquanto Quinto Fábio Máximo (obteve estas vitórias em 121).

que não havia entre as sociedades bárbaras habitantes da Gália *Comata* uma confederação forte e estável. Apesar de seus parentescos e de suas semelhanças culturais, cada sociedade bárbara poderia proceder da forma como bem entendesse. A desunião entre estes povos tornou possível que gauleses, aquitanos e belgas se aliassem a Roma. Os interesses de certo povo eram mais importantes do que a união de todos os povos. O fato das sociedades bárbaras aliadas do povo romano aceitarem os termos de uma relação assimétrica atesta que estes povos não acreditavam na possibilidade concreta da efetivação de uma confederação bárbara. O único líder bárbaro a chegar perto deste ideal de confederação, em nome da salvação comum da Gália *Comata*, foi o arverno Vercingetórix.

Outra característica marcante na representação dos bárbaros foi o caráter negativo que César atribuiu às suas personalidades. Segundo César, os bárbaros da Gália *Comata* eram indisciplinados, desordeiros, individualistas, desleais, soberbos e insolentes. Além disso, seu principal defeito era a instabilidade de suas posturas e de suas decisões tanto políticas quanto militares. Gauleses traíam gauleses. Belgas traíam belgas. Aquitanos traíam aquitanos. Em um momento, os romanos eram uma ameaça. No outro, a solução para os problemas da Gália. Esta mudança frequente de opinião estava ligada, segundo César, à avidez dos bárbaros por novidades. Há na representação dos bárbaros um marcador agudo de fraqueza moral. Se certo povo tomou uma decisão importante num ano, este mesmo povo pode voltar atrás no próximo. Arrependiam-se rapidamente: faltava-lhes convicção. Diante de dificuldades durante as batalhas, muitas vezes preferiam não suportar as adversidades: eram fracos. O egoísmo das nobrezas de cada povo bárbaro criou um terreno fértil para os interesses diplomáticos assimétricos de Roma. O excerto a seguir ilustra como certos povos bárbaros estavam mais interessados em protegerem-se de outros povos bárbaros (ou seja, povos com culturas e parentescos em comum lutando entre si) do que defenderem a coletividade da Gália *Comata* contra o imperialismo romano:

**O seu único pedido, a sua única súplica**, no caso de César, de quem tinham ouvido elogiar a clemência e a brandura<sup>65</sup>, decidir deixar a vida aos atuatucos, era **que não os despojasse das suas armas. Quase todos os seus vizinhos eram seus inimigos e invejavam o seu valor; não poderiam defender-se contra eles se depusessem as suas armas. Preferiam, se fossem reduzidos a tal infortúnio, sofrer do povo romano<sup>66</sup> fosse que sorte fosse a perecer em tormentos às mãos daqueles homens** entre os quais sempre tinham dominado. (*BG*, 2, 31)

<sup>65</sup> Em latim: *mansuetudo*. Faria (2003, p.591).

<sup>66</sup> O *populus romanus* enquanto César.

Ao relacionar-se com povos tão instáveis, imprevisíveis e traiçoeiros, César reforçou sua própria imagem de procônsul competente e habilidoso. Se a Gália era incapaz de se unir, então César uniria a Gália em nome dos interesses do povo romano. César representou a si mesmo como um “algodão entre os cristais”.

## 5 O *POPULUS ROMANUS* E A GUERRA

Os usos do *populus romanus* relacionados à guerra contabilizam vinte e seis entradas. Em comparação com o número de entradas relacionadas à diplomacia (quarenta), chama a atenção que César esteve, durante as campanhas da Gália, mais preocupado em estabelecer alianças do que em simplesmente guerrear. A grande repercussão das batalhas cesáreas não pode ser negada, porém a análise do *De Bello Gallico* demonstrou uma preocupação maior de César com a diplomacia quando este se refere ao povo romano.

As hostilidades poderiam iniciar tanto da parte dos bárbaros contra o povo romano quanto do povo romano contra seus inimigos bárbaros:

César estava, como anteriormente dissemos, nos quartéis de inverno na Gália Citerior, quando lhe chegou o rumor, e várias vezes confirmado por uma carta de Labieno, de que **todos os belgas**, que formam, como indicamos, um terço da Gália, **se coligavam contra o povo romano<sup>67</sup> e mutuamente trocavam reféns. As causas da liga eram as seguintes: primeiro, temiam que depois de ter pacificado toda a Gália o nosso exército marchasse contra eles; depois, um bom número de gauleses solicitavam-nos: os que não quiseram que os germanos prolongassem a sua estada na Gália não tinham menos dificuldade em suportar que um exército do povo romano<sup>68</sup> invernassem na Gália e nela se demorasse [...] (BG, 2, 1)**

Depois de ter terminado a guerra contra os germanos, César, por numerosas razões, resolveu atravessar o Reno. A melhor era que, **vendo a facilidade com que os germanos se decidiam a passar para a Gália, queria inspirar-lhes os mesmos temores pelos seus bens, mostrando-lhes que um exército do povo romano<sup>69</sup> podia e ousava transpor o Reno. (BG, 4, 16)**

Em relação às derrotas, César mencionou tanto as do povo romano quanto as dos bárbaros, além do sentimento de vingança romana:

[Tais helvécios] Pertenciam ao cantão dos tigurinos, porque o conjunto do Estado helvécio está dividido em quatro cantões. Era este o único cantão que, tendo deixado o seu país, **matara o cônsul Lúcio Cássio e fizera passar o seu exército por baixo do jugo. Assim, quer por efeito do acaso, quer por desígnio dos deuses imortais, esta parte do Estado da Helvécia, que infligira grande desastre ao povo romano<sup>70</sup>, foi a primeira a sofrer-lhe a pena. Nestas circunstâncias, César vingou não só a injúria feita ao seu país, como ainda aquela que se fizera à sua família<sup>71</sup>, pois que o avô de seu sogro Lúcio Pisão, o lugar-tenente Lúcio Pisão, tal como Cássio, fora morto pelos tigurinos na mesma batalha. (BG, 1, 12)**

<sup>67</sup> O *populus romanus* enquanto César.

<sup>68</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

<sup>69</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

<sup>70</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

<sup>71</sup> Trecho em latim: *Qua in re Caesar non solum publicas, sed etiam privatas iniurias ultus est.*

César também exaltou a capacidade de resistência das legiões do povo romano às adversidades da guerra:

**A extrema dificuldade do reabastecimento em trigo**, causada pela pobreza dos bóios, pela má vontade dos éduos e pelos incêndios das granjas, afetou o exército a tal ponto que **durante um grande número de dias os soldados estiveram sem trigo e para escaparem aos rigores da fome só tiveram o gado trazido de aldeias muito distantes**; no entanto, **não lhes escapou nenhuma palavra indigna da majestade do povo romano<sup>72</sup> e das suas precedentes vitórias**. Mais ainda, como César, visitando os trabalhos se dirigia a cada legião sucessivamente e oferecia levantar o assédio se a penúria fosse demasiado penosa, **todos lhe pediram que não o fizesse, dizendo que havia muitos anos serviam sob as suas ordens sem suportar nenhuma afronta, sem partir deixando o trabalho por acabar; que se considerariam desonrados se abandonassem o cerco começado; que mais preferiam sofrer as piores crueldades que não vingar os cidadãos romanos mortos em Génabo pela perfídia dos gauleses. Faziam os mesmos protestos aos centuriões e aos tribunos militares para que fossem relatados a César.** (BG, 7, 17)

No contexto da relação assimétrica entre romanos e bárbaros, nem tudo foram acordos pacíficos, concessão de benefícios ou promessas de proteção militar. Ao longo do tempo, o crescimento do *imperium romanum* na Gália enfureceu e humilhou não só as sociedades bárbaras ainda não submetidas a Roma, mas também aquelas aliadas do povo romano:

[...] os germanos experimentavam um vivo ressentimento pela morte de Ariovisto e pelas nossas [romanas] precedentes vitórias; **a Gália estava em fogo, por se ver depois de tanta humilhação reduzida a suportar o jugo do povo romano<sup>73</sup>, e despojada da sua glória militar de outrora.** (BG, 5, 29)

Chama a atenção a referência feita por César aos seus adversários políticos em Roma. A referência é sutil, curta, porém bastante significativa porque leva em consideração a disputa política em Roma:

[...] se [Ariovisto] **o matasse [César], faria coisa agradável a muitos nobres e chefes políticos de Roma**, como soubera pelas mensagens daqueles dos quais, pela sua morte, teria o favor da amizade. (BG, 1, 44)

O ‘César’ criado pelo procônsul César personificou o general maestro de uma estratégia militar singular. O primeiro ponto a destacar é a engenharia militar romana. Ao longo dos *Comentários*, César ordena a construção de pontes, fossos, muros, torres, trincheiras, campos fortificados, quartéis de inverno, cercos e navios, além de organizar a

<sup>72</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

<sup>73</sup> O *populus romanus* enquanto César.



logística para a proteção das bagagens das legiões. Uma das passagens mais marcantes da obra é a valorização cesárea da engenharia romana quando o general pretendeu invadir a *Germania*:

**César [...] decidira atravessar o Reno, porém a travessia em barcos parecia-lhe um meio pouco seguro e pouco conveniente à sua dignidade e à do povo romano<sup>74</sup>. Assim, não obstante a extrema dificuldade de construir uma ponte por causa da sua largura, da rapidez e da profundidade do rio, considerava, no entanto, que tinha de tentar a empresa ou, então, desistir de fazer passar o exército. [...] Toda a obra ficou acabada em dez dias, a contar daquele em que os materiais tinham sido trazidos, e o exército passa. (BG, 4, 17-18)**

Nesta passagem, César destacou a rapidez com que as obras de engenharia eram construídas pelas legiões. O objetivo de empreender a construção de tantos aparatos (principalmente dos fortes, das trincheiras, dos fossos e das torres) era reduzir a vantagem dos inimigos bárbaros que sempre estavam em maior número em relação aos legionários. A engenharia bélica, portanto, compensava a desvantagem numérica. Esta engenhosidade militar está diretamente vinculada à representação de César porque era o general quem dava as ordens para iniciar as construções e quem elaborava planos para derrotar os adversários. Outro ponto de destaque na representação cesárea de si mesmo é a preocupação com o abastecimento das legiões com alimentos. César deixou claro em sua obra que era inadmissível causar sofrimento às legiões devido à incompetência: os sacrifícios da guerra já eram suficientes. César era zeloso com seus legionários. O comandante elogiou e louvou o valor de seus legionários, centuriões, legados e lugares-tenentes diversas vezes ao longo dos *Comentários*. Isto não quer dizer que César não destacou sua *gloria* enquanto general. Entretanto, a *gloria* cesárea não ofuscou a *gloria* de cada romano sob o seu comando:

Havia nesta legião **dois centuriões de maior bravura**, que se aproximavam já das primeiras patentes, **Tito Púlio e Lúcio Voreno**. Havia entre eles uma perpétua rivalidade para ver quem passaria à frente do outro e todos os anos disputavam a promoção com muita animosidade. Púlio, na altura em que se batia com mais ardor perto das muralhas: **“Que esperas tu, Voreno, disse ele, que promoção esperas então para recompensar o teu valor? Aqui está o dia que vai decidir entre nós.”**. A estas palavras, **avançou para fora do entrancheiramento, e vendo onde a linha inimiga é mais forte, ali carrega. Voreno não fica mais atrás da muralha, temendo passar por menos bravo, acompanhava de perto o seu rival. [...]** Voreno, espada na mão, faz-lhes frente e luta corpo a corpo; mata um, afasta um pouco os outros; mas, deixando-se arrastar pelo seu entusiasmo, enfia-se num buraco e cai. É a sua vez de ser cercado, mas Púlio vem ajudá-lo e **ambos são e salvos, depois de terem morto muitos inimigos e de se terem coberto de glória, fazem a sua entrada no campo. A fortuna, nesta luta de dois rivais, gostou de**

<sup>74</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

**equilibrar os seus êxitos: cada um deles levou socorro ao outro e salvou-lhe a vida, sem que se pudesse decidir qual dos dois fora mais bravo. (BG, 5, 44)**

Além disso, o ‘César’ do *De Bello Gallico* é um general-legionário, ou seja, um general que luta ao lado de seus comandados. No momento mais difícil do combate o leitor não encontrará César em cima de seu cavalo, a milhas de distância do campo de batalha. ‘César’ encontra-se na primeira linha do combate, lutando e exortando os legionários a um último sacrifício em nome do povo romano.

A superioridade romana residia na seguinte lista de prioridades morais. O mais importante no campo de batalha era a estratégia, acompanhada da astúcia do general e da disciplina das legiões. César se dedicava a averiguar o terreno da batalha em busca de posições favoráveis. No topo desta lista encontra-se, portanto, a *constantia* (constância, permanência<sup>75</sup>), ou seja, a capacidade de elaborar planos de batalha que deviam ser cumpridos rigorosamente. A atuação das legiões romanas devia estar planejada em seus mínimos e decisivos detalhes. Em segundo lugar surge a coragem. César admirava e valorizava a coragem e a bravura de seus legionários, ainda mais quando estes estavam dispostos a sacrificar suas próprias vidas em nome da vitória. Porém, a coragem só teria um sentido no combate se fosse guiada pela estratégia. Esta lista de prioridades é a chave para o leitor entender por que o exército do povo romano venciam e por que os exércitos bárbaros eram derrotados. Os bárbaros priorizavam a coragem. Atacavam as legiões de maneira agressiva e furiosa, sem nenhuma estratégia pré-determinada. Já as legiões atacavam de forma ordenada, ensaiada. Uma vez respeitada a *constantia*, entrava em cena a coragem de cada legionário.

A representação dos bárbaros no contexto bélico variou entre a crueldade e a *gloria*. César atribuiu a estes povos uma hostilidade que beirava à ferocidade e à selvageria. A postura de se apresentarem como inimigos do povo romano realçava ainda mais estes atributos. Com exceção dos povos bárbaros aliados de Roma, os povos inimigos estabeleciam alianças com o objetivo de libertar a Gália da dominação romana. O ato de lutar contra as legiões não só almejava uma vingança contra Roma, mas também a reconquista da liberdade. A expansão do *imperium romanum* na Gália *Comata* significaria o fim da liberdade dos bárbaros. Os povos que se uniram em busca da liberdade comum da Gália viam os gauleses, aquitanos e belgas aliados dos romanos como traidores. Caso César fosse derrotado, os bárbaros outrora aliados do povo romano se tornariam povos submetidos a tributos e a outras penalidades. O ponto importante a ser destacado é que a presença de Roma dificultava o

---

<sup>75</sup> Faria (2003, p.240).

crescimento econômico-político das sociedades bárbaras não aliadas a César e ao povo romano. A crueldade, a audácia (vangloriavam-se de ser invencíveis) e o desprezo pelos romanos residiam na incapacidade de suportar a presença romana na Gália. A probabilidade de surgir um movimento de libertação de toda a Gália tornava ainda mais necessária a permanência de César e dos legionários naquela região.

Nesta Gália concebida por César, cada um dos três grandes grupos possuía diferentes graus de civilização e de barbárie segundo a ótica romana. Aqueles que mais se “pareciam” com os romanos ou, melhor dizendo, aqueles povos que foram mais amistosos à presença romana, foram considerados mais próximos da civilidade romana. Os bretões e os germanos, por exemplo, foram classificados por César como mais próximos da barbárie. Os germanos foram os bárbaros mais difamados pelo procônsul. Segundo a ótica cesárea, os germanos eram mais selvagens, mais bárbaros, mais tiranos, mais indisciplinados, mais dissimulados, mais soberbos e mais individualistas do que qualquer sociedade da Gália *Comata*. Este distanciamento em relação aos germanos torna-se mais compreensível quando o leitor do *De Bello Gallico* atenta para o fato de que César não pretendia conquista a *Germania*. Não havia da parte de César nenhum interesse em mostrar ao povo romano que os germanos poderiam ser integrados ao *imperium romanum*. Já os habitantes da *Comata*, ao contrário, faziam parte do *imperium romanum*. César tratou, portanto, de relativizar a barbárie da Gália *Comata* na medida em que apresentou a possibilidade concreta de estabelecer pactos de aliança duradouros com estes gauleses, belgas e aquitanos.

Apesar das diferenças, todos os bárbaros apresentados por César tinham características em comum. Por exemplo, o fato de ser barulhentos durante os combates. Nos relatos de guerra, César informou seu leitor que os bárbaros sempre soltavam um clamor antes de atacarem. Além disso, atacavam de maneira desordenada e indisciplinada que mais parecia um tumulto do que uma movimentação de exército. Perante a engenharia militar romana, por exemplo, os bárbaros ou se assustavam, impressionados com o que viam, ou zombavam das máquinas romanas. Porém, após ver esta engenharia em ação, todos os bárbaros representados por César ficavam impressionados e demonstravam respeito pela superioridade romana. Chama também a atenção o desprezo dos bárbaros pelos romanos devido à altura dos últimos. César afirmou que os bárbaros zombavam dos romanos por estes terem uma altura média menor em relação àqueles. Esta questão da altura ilustra a maneira como César produziu a representação dos povos bárbaros. Ao contrário dos romanos, os bárbaros estavam sempre em uma condição humana mais próxima da natureza e dos instintos animais. Outro exemplo

bastante ilustrativo disto é o relato que César fez sobre a cavalaria germana: segundo os germanos, era uma vergonha cavalgar um cavalo utilizando-se de uma cela (tal como os romanos faziam). César também atribuiu à coletividade bárbara a cupidez, a cólera, a leviandade e a imprudência.

Entretanto, a representação dos bárbaros não é composta apenas por características negativas e pejorativas. César reconheceu qualidades nos bárbaros logo no primeiro capítulo de sua obra, quando afirmou que os belgas eram os mais bravos e os mais corajosos habitantes da Gália *Comata*. Em geral, as características positivas relacionadas aos bárbaros dizem respeito ao que eles mais gostavam de fazer, de acordo com a visão de César: guerrear. César afirmou que os bárbaros amavam a guerra, a liberdade e a *gloria*. As lutas entre bárbaros buscavam não só a *gloria*, mas também terras e tributos. Eram corajosos, valorosos, poderosos. Ao contrário dos romanos, a coragem estava em primeiro lugar e não a astúcia. A coragem dos bárbaros era reconhecida por César inclusive nos episódios em que aliados gauleses traíram o general ao tentarem transmitir informações aos inimigos do povo romano ou desertaram. César reconhecia nestes traidores da aliança com os romanos uma dedicação à “causa gaulesa” de libertação de toda a Gália. O procônsul reconheceu em sua obra que sua atuação estava cerceando a liberdade dos povos da Gália. Inclusive, admitiu que os momentos de turbulência de seu proconsulado se deram porque gauleses, belgas e aquitanos sentiram-se humilhados pelo jugo do povo romano. A *gloria* de outrora havia sido perdida justamente por causa dos romanos:

E eu [o narrador anônimo que sabemos ser César] não sei se alguém se deva surpreender, sem falar de muitos outros motivos, que tenha parecido muito penoso a uma nação [dos senones], **considerada outrora como a primeira entre todas pela sua virtude guerreira, ver-se decaída na sua fama ao ponto de estar submetida ao jugo imperial dos romanos**<sup>76</sup>. (*BG*, 5, 54)

Apesar de classificar os bárbaros como indisciplinados, César apresentou-os como estrategistas no que diz respeito à utilização de florestas e de pântanos para se defenderem. Além disso, César relatou que os inimigos planejavam maneiras de cortar o abastecimento de mantimentos das legiões. Tratando-se de estratégia entre os bárbaros, a figura insuperável foi o arverno Vercingetórix, o líder da última confederação de povos da Gália que representou para os romanos o maior desafio do processo de conquista da Gália. O próprio César fez questão de elogiar-lo: ao contrário de todos os líderes bárbaros anteriores, Vercingetórix, um

---

<sup>76</sup> O *populus romanus* enquanto César e Roma.

comandante semelhante aos romanos, porém derrotado, priorizou a tática e a disciplina nos conflitos militares contra os romanos. Sempre preocupado com a defesa de seus exércitos e de suas cidades, o comandante arverno foi o mais bem-sucedido adversário do povo romano a cortar o abastecimento das legiões romanas. A carência de mantimentos obrigou os legionários a afastarem-se dos campos e dos quartéis em busca de alimentos. Quando estes se afastavam, os bárbaros dizimavam-nos.

Vercingetórix era zeloso com tudo o que dizia respeito à Gália *Comata*. Preocupava-se com seus guerreiros, com suas cidades, com a salvação comum. Ele sabia que os interesses privados de certas nobrezas bárbaras foram os responsáveis pelo dismantelamento interno da Gália. A união era mais do que necessária para fazer frente à ameaça romana. Leal e precavido, o comandante, tal qual César, exortava seus soldados no calor das batalhas. Contudo, enquanto bárbaro, não deixava de desdenhar do valor dos romanos. Sua sede de vingança nublava sua razão: para ele a vitória sobre César era certa. Este Vercingetórix criado por César em seu *De Bello Gallico* é a última peça da representação dos bárbaros. César criou-o à sua imagem e semelhança, porém não à sua altura. O procônsul deixou claro em sua obra que o líder arverno era a última e a mais perigosa ameaça bárbara contra os interesses romanos. Derrotá-lo significaria o fim definitivo da liberdade da Gália e sua anexação definitiva ao *imperium romanum*. O relato da decisiva batalha de Alésia apresentou dois comandantes no auge da estratégia. A derrota do líder arverno não foi causada por incompetência ou por displicência. Muito pelo contrário: a descrição cesárea da estratégia de Vercingetórix não diminuiu em nada o brilhantismo do comandante bárbaro. Porém, havia César no caminho de Vercingetórix. Por mais brilhante que este fosse, aquele era não só a estrela máxima como também o diretor do “espetáculo” intitulado *De Bello Gallico*.

A última representação relacionada com a guerra na obra de César é a das legiões romanas. Compõem as forças de batalha não apenas os legionários romanos (constituintes das legiões), mas também os bárbaros aliados do povo romano. A cavalaria utilizada por César nos combates, por exemplo, era composta em sua grande maioria por bárbaros. O general nomeou de ‘tropas auxiliares’ o conjunto destes guerreiros bárbaros, pelos quais César sempre alimentou certa desconfiança devido à sua crença de que os bárbaros eram instáveis demais para serem dignos de uma confiança sólida. Nos relatos das batalhas, o general escritor definiu com clareza os momentos em que os valorosos legionários estavam em ação: chamou-os de “seus” ou de “nossos”. O uso de “seus” refere-se ao personagem ‘César’. Já o uso de “nossos” contempla não apenas o general, mas também todo o povo romano. Neste ponto, o

general escritor mais uma vez reforça a ideia de que não agia exclusivamente em nome de seus interesses políticos privados. O “nossos” enquadra o personagem ‘César’ no posto de representante de Roma. O uso de “nossos”, portanto, teve o objetivo de apresentar o relato de uma guerra que não era apenas de César. É importante lembrar que o *De Bello Gallico* foi uma obra em que César justificou suas ações. Ao usar o “nossos”, ele fez questão de coletivizar as campanhas da Gália como um empreendimento não seu, mas sim do povo romano como um todo.

O livro I apresenta momentos em que os legionários fraquejaram em seu valor. Durante a campanha militar contra Ariovisto, César observou nos olhos de seus legionários o medo em relação aos germanos. César relatou que alguns legionários chegaram ao ponto de pedir para abandonar as legiões na eminência de enfrentar os germanos. Outros, entretanto, preferiram ficar para que suas honras não fossem manchadas. O próprio general apresentou, no início dos *Comentários*, o risco de não ser obedecido logo no primeiro ano de seu proconsulado contra um adversário perigosíssimo. Para conter o clima de terror e de medo que se espalhava entre os legionários, César reuniu os centuriões e criticou-os severamente por terem ousado questionar suas ordens. Cabia a eles, segundo César, não só confiar em seu general e cumprir o seu dever, mas também afastar o medo de seus corações e mentes porque os romanos superavam os germanos em valor e diligência e porque estes não eram invencíveis. Paradoxalmente, em certos momentos o mesmo César admitiu que não temia a desobediência dos legionários. Este posicionamento pendular de César entende-se pelo fato do general apresentar, ao longo de todo o *De Bello Gallico*, os legionários enquanto protagonistas importantes da conquista da Gália. César não queria apresentá-los como covardes, mas sim como soldados que, diante de um adversário difícil, fraquejaram momentaneamente. O embate contra os germanos de Ariovisto foi importante tanto pela ameaça que este povo representava para os interesses romanos na Gália quanto para testar a honra, o dever e o medo dos legionários. O processo de encorajamento das legiões era protagonizado por César. O general animava as tropas para lutar graças aos seus talentos oratórios. Bastava a exortação de César para que os legionários retomassem a esperança e a coragem. Em seguida, pediam perdão a César por terem duvidado da vitória, do comando do general e da própria capacidade do povo romano:

**César, mandando embora e pondo fora de vista primeiro o seu cavalo depois os de todos os oficiais, a fim de que o perigo fosse igual para todos e a esperança de fugir impossível, exortou os seus e travou combate. [...] Os Gauleses viam-se**

embaraçados para combater [...] Finalmente, cheios de ferimentos, começaram a recuar [...] (BG, 1, 25)

Entre as diversas legiões sob o comando de César, a décima era aquela pela qual o general nutria mais confiança. O afeto e a dedicação dos legionários da décima por César superavam o afeto e a dedicação dos demais legionários das outras legiões. Isto não significa que as outras legiões tinham uma má relação com César. Muito pelo contrário: entre todas as legiões e César havia uma forte relação de *fidelitas*. Contudo, havia uma preferida e esta era a décima legião, cujo valor superava o valor das demais.

Os legionários são representados como guerreiros que estiveram sempre à altura dos seus inimigos. A habilidade, o ardor pelo combate, a coragem e a resistência de cada legionário tinham apenas um objetivo: conquistar a *gloria* (se necessário, lutariam até a morte para obtê-la). A *honor* de cada legionário estava ligada primeiro ao dever para com a República, depois ao dever para com César. Incansáveis, trabalhavam arduamente nas obras de engenharia. Superavam as dificuldades dos terrenos, do clima, dos inimigos e da carência de mantimentos. A *fidelitas* que nutriam por seu general estava acompanhada de um entusiasmo tão grande que, às vezes, o ardor dos legionários fazia com que não pudessem ser contidos na busca pela vitória. César, nestas ocasiões, repreendeu-os e definiu o que esperava de um legionário: embora importante, a coragem vinha depois da modéstia, da disciplina e do valor.

Na hierarquia militar romana, acima dos legionários encontravam-se os centuriões, os legados e os tribunos militares. Estes oficiais atuavam sempre conforme o padrão estabelecido por César. Eram encarregados de estabelecer alianças com povos bárbaros, de submeter os povos inimigos e de exortar os legionários quando César estava ausente. Na ausência de César, as decisões eram tomadas por meio de um conselho de oficiais. Em algumas passagens, César relatou que os oficiais eram desrespeitados pelos legionários. O desrespeito era proveniente da hesitação dos oficiais no momento de tomar alguma atitude. Ao contrário dos bárbaros, caracterizados por César pela desunião, os oficiais, durante estes conselhos, entendiam que o mais importante era que toda a coletividade dos oficiais chegasse a um acordo. Apenas César poderia ter a palavra definitiva. Na ausência deste, esforçavam-se para chegar a um consenso que fortalecesse todos os legionários. Ao contrário de César, que descia do seu cavalo apenas quando as batalhas estavam prestes a serem vencidas pelos bárbaros, os oficiais, principalmente os centuriões, lutavam sempre ao lado dos legionários, exortando-os e

zelando por suas vidas. A dedicação dos oficiais de alta patente era tão grande que César referia-se a eles através de seus nomes.



## 6 A DEFESA DAS *DIGNITATES* DO *POPULUS ROMANUS* E DE CÉSAR

Os usos do *populus romanus* relacionados ao respeito pela *traditio* (tradição<sup>77</sup>), pelo *mos* (uso, costume<sup>78</sup>), pela *dignitas* e pela grandeza do povo romano contabilizam treze entradas. Esta categoria de uso diz respeito à defesa do povo romano e de seu *imperium* em uma Gália em processo de conquista. Neste contexto, a intenção de César foi dirigir-se diretamente aos romanos e à sua “romanidade”. Ao exaltar e elogiar a *dignitas* do povo romano, César reafirmou a justificação de seus atos. Foi pela *gloria* do povo romano que o procônsul empreendeu campanhas militares durante oito anos, não pela sua própria *gloria*. O comandante, neste ponto, colocou-se enquanto um magistrado a serviço dos interesses do povo romano. Não apenas ele, mas também todas as legiões atuaram e se sacrificaram exclusivamente em nome do povo romano.

Entretanto, na medida em que César exaltou a grandeza de sua gente, o procônsul realizou um elogio a si mesmo. No *De Bello Gallico*, César reverenciou a si mesmo e esperava que seu público leitor fizesse o mesmo porque todas as suas ações enquanto procônsul não visaram atender seus ambiciosos interesses particulares. Se necessário, César arriscaria sua própria vida unicamente para defender a sua *dignitas* e a *dignitas* do povo romano diante de inimigos bárbaros que constantemente desafiaram Roma em seus dizeres e ações. Neste sentido, o elogio do general a si mesmo só se justifica porque ele atuou em nome dos interesses do povo romano enquanto magistrado. A *gloria* e a *honor* cesáreas justificam-se não apenas pelas façanhas militares, mas também pelos bons serviços prestados à República. Em outras palavras: César merecia ser exaltado porque havia cumprido o seu dever para com o povo romano.

A primeira menção do respeito cesáreo pela tradição e pelo costume do povo romano encontra-se na querela entre César e os helvécios a respeito da permissão solicitada pelos helvécios para atravessar a província romana. César, logo no início de sua obra, fez questão de deixar claro a seu público leitor que suas atitudes e sua postura sempre levaram em conta o respeito pelo povo romano:

Quando chegou o dia que combinara com os enviados [helvécios], e os enviados voltaram, [César] disse-lhes que as tradições e os usos do povo romano não lhe permitiam conceder a ninguém a passagem pela Província, e fez-lhes ver que se quisessem passar à força a tal se oporia. (*BG*, 1, 8)

<sup>77</sup> Faria (2003, p.1010).

<sup>78</sup> Faria (2003, p.623).

Durante o relato sobre a hostilidade dos germanos de Ariovisto e a eminente invasão destes no território da Gália *Comata*, César reafirmou sua *auctoritas* e sua habilidade de comando a serviço da coletividade da gente romana. César enfrentaria Ariovisto não só porque este insultou o procônsul, mas também porque este insulto foi um insulto ao próprio povo romano:

[Ariovisto] Era um homem bárbaro<sup>79</sup>, arrebatador<sup>80</sup>, enredador<sup>81</sup>; já não era possível sofrer mais tempo o seu despotismo<sup>82</sup>; se não encontrassem auxílio junto de César e do povo romano, não restava mais aos gauleses que abandonar o seu país, como os helvécios, para procurar longe dos germanos outros tetos e outras moradas, e procurar a fortuna [sorte], fosse ela qual fosse. [...] **Só César, pelo seu prestígio pessoal<sup>83</sup> e pelo do seu exército, pela sua recente vitória, pelo nome do povo romano<sup>84</sup>, podia impedir que um maior número de germanos atravessasse o Reno e defender toda a Gália contra a violência de Ariovisto.** (BG, 1, 31)

O excerto acima esclarece a maneira como o elogio ao povo romano está atrelado ao elogio do próprio general. César apresentou-se enquanto representante de Roma nos conflitos contra os bárbaros. Este representante, entretanto, era ilustre porque o povo que ele representava também era ilustre. O povo romano merecia um general como César porque sua grandeza individual fazia justiça à grandeza coletiva de seu povo.

Ainda no contexto do conflito contra Ariovisto, César reafirmou novamente sua posição de magistrado a serviço do povo romano. As guerras contra os povos bárbaros não eram um capricho da parte de César. Embora seu proconsulado não tivesse como objetivo expandir o *imperium romanum*, as guerras de conquista da Gália *Comata* justificavam-se na medida em que o próprio proconsulado de César estava ameaçado pelas hostilidades de gauleses, belgas, aquitanos, bretões e germanos. César não poderia tolerar que a província Narbonense fosse atacada ou invadida. Desta forma, era um dever anexar a Gália *Comata* ao *imperium romanum* e afastar dela qualquer ameaça aos interesses do povo romano. A Gália devia pertencer ao povo romano:

Não estava nos seus hábitos [de César] nem nos do povo romano<sup>85</sup> resignar-se a abandonar aliados muito merecedores e por outro lado **não pensava que a Gália pertencesse mais a Ariovisto que ao povo romano<sup>86</sup>.** (BG, 1, 45)

<sup>79</sup> Termo em latim: *barbarum*.

<sup>80</sup> Termo em latim: *iracundum*.

<sup>81</sup> Termo em latim: *temerarium*.

<sup>82</sup> Termo em latim: *imperia*.

<sup>83</sup> Expressão em latim: *auctoritate sua*.

<sup>84</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

<sup>85</sup> O *populus romanus* enquanto Roma.

<sup>86</sup> O *populus romanus* enquanto César e Roma.

A superioridade romana em relação aos bárbaros também é apresentada por César em um excerto no qual o general elogiou a maneira de fazer guerra dos romanos. O general, ao tratar de certos líderes bárbaros da Aquitânia, afirmou que estes lutavam tal qual os romanos devido as suas antigas experiências militares como aliados de Quinto Sertório, um destacado político e militar que chegou ao auge de sua carreira atuando como magistrado nas províncias *Hispaniae*. A estratégia militar romana era tão grandiosa que até os bárbaros viram-se na obrigação de copiá-la:

Depois de ter recebido as armas e os reféns, Crasso partiu para o país dos vocates e dos tarusates. Então, os bárbaros, perturbados ao saberem que em poucos dias uma praça igualmente defendida pela natureza e pela arte caíra nas nossas mãos, de todas as partes enviam deputados, trocam juramentos, reféns e prepararam as suas forças. Envia também deputados aos Estados que pertencem à Espanha Citerior, vizinha da Aquitânia; dela obtêm socorro e chefes. [...] **Escolhem como chefes aqueles que mais tempo tinham servido sob as ordens de Quinto Sertório e passavam por ser muito hábeis na arte militar. Eles têm a maneira romana de estabelecer as suas posições, de fortificar os seus campos, de nos cortar os víveres.** (BG, 3, 23)

Ainda no campo militar, César fez mais uma menção a superioridade romana como contraponto ao descuido e a impulsividade dos bárbaros. O general relatou que Labieno, um dos seus mais importantes lugares-tenentes, expôs os tréviros ao combate através de uma tática que ilustra, simultaneamente, a astúcia romana e o defeito bárbaro. Como afirmei no capítulo anterior, a representação dos bárbaros construída por César atribui a eles a característica de fazer muito barulho e muito tumulto durante seus ataques e suas movimentações. Labieno, tendo em vista atrair os tréviros para o campo de batalha, ordenou que os romanos levantassem acampamento com mais barulho e mais tumulto do que o povo romano estava acostumado a fazer. Os bárbaros, ao ouvirem tal desordem barulhenta, julgaram o momento conveniente para partirem para o ataque. Eles não contavam, contudo, com a premeditação de Labieno que, ao atacar os bárbaros desprevenidos, obteve uma importa vitória:

Labieno, no conselho, declara, para que todos o ouçam, que, uma vez que se diz que os germanos se aproximam, não arriscará a sorte do exército e a sua, e que, no dia seguinte, ao romper do dia, levantará o acampamento. Estas palavras são rapidamente relatadas aos inimigos, porque era natural que, em tão grande número de cavaleiros gauleses, houvesse quem favorecesse a causa gaulesa. **Labieno, noturnamente, reúne os tribunos e os centuriões das primeiras coortes, expõe-lhes o seu desígnio, e, para melhor fazer crer ao inimigo que tem medo, ordena que se levante o campo com mais barulho e tumulto do que os romanos têm o costume de fazer. Desta maneira dá à sua partida a aparência de fuga.** O

inimigo, dada a proximidade dos campos, é assim informado da notícia antes do nascer do dia pelos seus batedores. (BG, 6, 7)

O seguinte trecho reúne a exaltação da capacidade do povo romano e a defesa da *dignitas* de César. No início do livro VI, César relatou que recorreu a Pompeu para recrutar mais legiões ao seu exército em ação na Gália *Comata*. Após mencionar seu pedido, o procônsul afirmou que, em nome da boa relação entre eles e em nome dos interesses de Roma, Pompeu concedeu a solicitação de César. Este ponto é importante para compreender, através de mais um exemplo, a intenção de César de reafirmar, publicamente, sua lealdade em relação ao antigo aliado, apesar da relação entre os dois, naquela altura, estar em vias de terminar. Este excerto novamente ressalta o caráter de autojustificação dos *Comentários*. Por fim, nessa passagem da obra, César fez questão de louvar novamente a grandeza de Roma ao elogiar sua capacidade de organização e sua riqueza de recursos materiais e humanos:

Esperando, por numerosas razões, um maior movimento da Gália, César encarrega os seus lugares-tenentes Marco Silano, Caio Antistio Regino e Tito Sextio de recrutarem tropas; ao mesmo tempo, **pede a Cneu Pompeu, procônsul, pois que, no interesse do Estado<sup>87</sup> [romano], [Pompeu] continuava nas circunvizinhanças da Cidade [Roma] com o comando, para ordenar aos recrutados da Gália Cisalpina que tinham prestado juramento no seu consulado que reunissem as suas insígnias e partissem para junto dele [de César]; [César] considerava efetivamente muito importante [...], do ponto de vista da opinião gaulesa, demonstrar que os recursos da Itália eram suficientemente grandes para lhe permitir, em caso de desaire, não só reparar as suas perdas em pouco tempo, como ainda opor ao inimigo forças mais consideráveis que antes. Pompeu concordou com este pedido para bem do Estado e da amizade [...] viu-se, tanto por esta diligência como por estas forças, o que podiam a disciplina e os recursos do povo romano.** (BG, 6, 1)

---

<sup>87</sup> Expressão em latim: *rei publicae causa*.

## 7 CONCLUSÃO

A intenção deste trabalho foi apresentar o *De Bello Gallico* de César não apenas como uma obra de caráter militar, mas também como uma obra política na qual o general-escritor desenvolveu concepções de diplomacia entre romanos e bárbaros e de respeito pelas tradições e pela grandeza de Roma. Os *Comentários* foram escritos por César com o objetivo de esclarecer ao povo romano que todas as suas atitudes, durante o proconsulado nas Gálias, visaram defender Roma e proteger seus interesses. Tudo o que César fez foi em nome do povo romano, não em nome de si mesmo. Soma-se a estas características o viés memorialista dos *Comentários* na medida em que César apresentou-se ao povo romano enquanto um político e general carregado de *gloria* e de *honor* por ter vencido tantos povos bárbaros inimigos e por ter anexado a Gália *Comata* ao *imperium romanum*. Além destes fatores, é importante destacar que os *Comentários* foram escritos ao final das campanhas militares (entre 52 e 51), período em que César havia perdido seu outrora aliado Pompeu e tornara-se alvo de constantes ataques políticos da parte de seus adversários (que queriam despojá-lo da magistratura de procônsul e proibi-lo de concorrer novamente ao consulado).

O referencial teórico escolhido – o conceito de representação segundo Chartier – possibilitou compreender os *Comentários* como uma construção que tinha por objetivo apresentar ao público letrado de Roma a versão de César sobre os fatos ocorridos durante os oito anos de diplomacia e de guerra na Gália *Comata*. A intenção de César foi convencer seu público leitor de que os acontecimentos mais importantes da conquista da Gália *Comata* haviam ocorrido exatamente da maneira como o general os descreveu. A partir da noção de representação de Chartier, foi possível identificar que a retórica da obra cesárea está sustentada por quatro pilares: as representações do povo romano (a coletividade romana que merecia respeito, elogios e veneração e em nome da qual todas as ações de César enquanto procônsul estavam justificadas), de ‘César’ (enquanto narrador anônimo, o general-escritor criou um ‘César’ hábil nas relações diplomáticas, leal à legalidade do Estado romano, estrategista invencível, político cuidadoso e general disposto a se sacrificar ao lado de seus legionários em nome do povo romano), dos bárbaros (capazes tanto de se aliarem a Roma quanto de traí-la quando fosse conveniente, caracterizados pela instabilidade, pela ferocidade e pelo amor à guerra e à liberdade) e das legiões (dotadas de legionários leais a César e dispostas a se sacrificarem em nome do povo romano e em busca da *gloria*).

Os setenta e nove usos do *populus romanus* apresentaram duas características. A primeira é o uso do *populus romanus* para identificar Roma, sua história e a coletividade dos

romanos. Já a segunda é o uso do *populus romanus* que conecta o povo romano ao próprio César. Enquanto representante de Roma, o comandante escritor criou um ‘César’ que personificou a coletividade do povo romano em uma única figura: a sua própria. Neste contexto, uma ofensa a César era uma ofensa ao próprio povo romano, assim como uma ordem do general para atacar era uma ordem dada pelo mesmo povo romano. A intenção de Júlio César, no *De Bello Gallico*, era reforçar sua imagem de político romano respeitador da legalidade da República, apesar de ter tomado atitudes ao longo de seu proconsulado que desconsideraram as leis romanas, tais como a invasão da Bretanha.

Conforme afirmei anteriormente, as Gálias fizeram parte do projeto político de César. Este projeto político visava o aumento de sua influência política e o fortalecimento da facção dos *populares*. César, graças à hegemonia política da *societas* com Pompeu e com Crasso, poderia ter escolhido qualquer outra província para exercer o seu proconsulado, talvez uma região que não apresentasse tantos conflitos com as populações locais como a Gália Transalpina. Contudo, sua escolha, segundo Canfora, Brandão e Ames e Leoni foi consciente, premeditada. Júlio César queria estar na província *Narbonensis* justamente devido ao clima de instabilidade que ali existia. Como Salústio bem destacou em sua “Conjuração de Catilina”, César ansiava por uma guerra só sua. Este desejo de guerra, entretanto, não era um mero anseio de matar, de conquistar ou de vencer povos bárbaros. Sua meta era conquista a *gloria* que o elevaria a um prestígio social e político tão grande que o tornaria o grande maestro da política romana.

O *De Bello Gallico*, por conseguinte, foi o instrumento literário de César para fazer política não com espadas, com intrigas ou com guerras, mas sim com letras e com retórica. Ao final da obra o leitor romano mais emocionado poderia dizer: “tudo o que César fez foi em nome de todos nós”. Júlio César, em nenhum momento, disse “eu fiz isso”. Seu uso constante da terceira pessoa do singular atesta que ‘César’, representante do povo romano, agiu em nome de seu povo. O general escritor distanciou-se de si mesmo já prevendo as críticas de seus adversários no Senado. A conquista da Gália não foi um empreendimento individual, mas sim coletivo. ‘César’, no *De Bello Gallico*, era o plebeu e o patrício, o pobre e o rico: o povo romano.

## REFERÊNCIAS

- *FONTES*

- ALMEIDA, Olavo Vinícius de. **O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução**. São Paulo: USP, 2014.

- CÉSAR, Júlio. **A guerra das Gálias**. Lisboa: Edições Sílabo, 2004. Disponível em: <[www.livros-digitais.com/caio-julio-cesar/a-guerra-das-galias/sinopse](http://www.livros-digitais.com/caio-julio-cesar/a-guerra-das-galias/sinopse)>. Acesso em: 28/11/17

- NOVAK, Maria da Gloria & NERI, Maria Luiza & PETERLINI, Ariovaldo Augusto. **Historiadores latinos**: antologia bilíngue. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- PLUTARCO. **Vidas paralelas – Tomo VI**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

- SALÚSTIO. **Obra completa**. Lisboa: Horizonte, 1974.

- SUETONIO. **Vida de los doce Césares**. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

- VELEYO PATÉRCULO. **Historia romana**. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

- *BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA*

ALFÖLDY, Géza. **A história social de Roma**. Lisboa: Presença, 1989.

AMES, Cecilia. La construcción del bárbaro en la obra de Julio César. **Auster**, La Plata, n. 8-9, p. 111-125, 2003-2004.

AMES, Cecilia & LEONI, Alvaro Moreno. Construcción, representación y legitimación del poder: el paradigma de Julio César. In: CERQUEIRA, Fábio; GONÇALVES, Ana Teresa; MEDEIROS, Edalaura; LEÃO, Delfim (Orgs.). **Saberes e poderes no Mundo Antigo**:

**Estudos ibero-latino-americanos. Volume II: Dos Poderes.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

BAÑOS, José Miguel. **Cultura y propaganda política en la Roma republicana: ayer y hoy de los Comentarios cesarianos.** Disponível em: <[www.academia.edu/17647868/Cultura\\_y\\_propaganda\\_pol%C3%ADtica\\_en\\_la\\_Roma\\_republicana\\_ayer\\_y\\_hoy\\_de\\_los\\_Comentarios\\_cesarianos](http://www.academia.edu/17647868/Cultura_y_propaganda_pol%C3%ADtica_en_la_Roma_republicana_ayer_y_hoy_de_los_Comentarios_cesarianos)> Acesso em: 06/07/2017

BRANDÃO, José Luís & OLIVEIRA, Francisco de (Coord.). **História de Roma Antiga.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

BRUNO, Haroldo. **Quae sunt Caesaris Caesari: uma proposta de leitura dos *Commentarii De Bello Gallico*.** São Paulo: UNESP, 1998.

CANFORA, Luciano. **Júlio César: o ditador democrático.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v.9, n.1, p.143-165, 2005. Disponível em:<[www.dialogos.uem.br/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=170](http://www.dialogos.uem.br/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=170)>. Acesso em: 07/12/2017

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v.5, n.11, p.173-191, 1991. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010)>. Acesso em: 07/12/2017

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados/MS, v.13, n.24, p.15-29, jul./dez. 2011. Disponível em: <[www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf](http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf)>. Acesso em: 07/12/2017

CHARTIER, Roger. **Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais.** In: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações.* 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.



FARIA, Ernesto. **Dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Garnier, 2003.

FERNANDES, Marcelo Vieira. O discurso sob outros discursos: Salústio e a disputa entre grupos políticos no final da República. In: **Classica** (Brasil), 21.2, p.265-296, 2008.

FORNARA, Charles William. **Points of contact between Historiography and other genres and modes of thought**. In: FORNARA, Charles William. *The nature of History in Ancient Greece and Rome*. University of California Press, 1983.

FREITAS, Victor de Oliveira. **Fundamentos do projeto político de César na obra *Commentarii De Bello Gallico***. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

JOSÉ, Natália Frazão. Divus Iulius Caesar: as construções em torno de Júlio César em Veléio, Plutarco e Suetônio. In: **Romanitas – Revista de Estudos Gregolatinos**, n.2, p.262-286, 2013.

KRAUS, Christina S. **Bellum Gallicum**. In: GRIFFIN, Miriam (Org.). *A companion to Julius Caesar*. Blackwell Publishing, 2009.

MACHADO, Franciele. Roger Chartier e a noção de representação: definições, diálogos e contexto historiográfico francês no século XX. In: **Anais do 8º Seminário Brasileiro de História da Historiografia – Variedades do discurso histórico: possibilidades para além do texto**. Ouro Preto: EDUFOP, 2014. Disponível em: <[www.seminariodehistoria.ufop.br/static\\_server/media/arquivos/sistema/trabalhos/Franciele\\_Machado.pdf](http://www.seminariodehistoria.ufop.br/static_server/media/arquivos/sistema/trabalhos/Franciele_Machado.pdf)>. Acesso em: 07/12/2017

MOTA, Arlete José. A presença de um herói romano no *De Bello Gallico*: uma proposta de estudo. **Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, São Luís, v. 13, n. 2, p. 52-62, 2013.

OLIVEIRA, Diego Verissimo. **O perfil de Vercingetórige no *De Bello Gallico* de César**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

RIGGSBY, Andrew M. **Memoir and autobiography in Republican Rome**. In: MARINCOLA, John. (Org.). *A companion to Greek and Roman historiography*. Blackwell Publishing, 2007.

ROSA, Claudia Beltrão da. Campos de Batalha, Espaços de Guerra: Os *Commentarii De Bello Gallico* de Caio Júlio César. **Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, São Luís, Edição Especial, n. 1, p. 38-45, 2007.

ROSENSTEIN, Nathan. **General and Imperialist**. In: GRIFFIN, Miriam (Org.). *A companion to Julius Caesar*. Blackwell Publishing, 2009.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**, Goiás, ano 3, n.6, p.27-53, dez./2011. Disponível em: <[www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974](http://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974)>. Acesso em: 07/12/2017

SILVA, Paulo Roberto Souza da. **A figura de César, autor e personagem, nos *Commentarii De Bello Gallico***. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

VARANDAS, José. Júlio César: A Guerra das Gálias. **Boletim de Estudos Clássicos**, Coimbra, v. 42, p. 239-245, dez. 2004.

### ANEXO A – Mapa da Gália segundo os *Comentários de César*

(Disponível em: <[www.humanities.mq.edu.au/acans/caesar/GallicWars.htm](http://www.humanities.mq.edu.au/acans/caesar/GallicWars.htm)>. Acesso em: 08/12/2017)



**ANEXO B – Mapeamento dos usos do *populus romanus***

<b>Livro</b>	<b>Capítulo</b>	<b><i>Populus Romanus</i></b>
I	3	Senado do povo romano concedeu título de amigo a sequano que exerceu realza no passado.
I	6	Disposição dos alóbroges em relação ao povo romano.
I	8	Tradições e usos do povo romano: não conceder passagem pela província.
I	10	Helvécios: homens belicosos e inimigos do povo romano.
I	11	Éduos: prestação de bons serviços ao povo romano.
I	12	Parte do Estado da Helvécia infligiu grande desastre ao povo romano no passado.
I	13	-Se o povo romano fizer a paz com os helvécios. -Lembrar do dissabor experimentado pelo povo romano causado pelos helvécios no passado. -Possibilidade dos helvécios causarem desastre do povo romano.
I	14	-Povo romano não mereceu infelicidade causada pelos helvécios no passado. -Povo romano sabia que os helvécios tinham hábito de receber e não de dar reféns.
I	18	Domínio do povo romano prejudica ambição do éduo Dumnorix.
I	19	Dedicação do éduo Diviciaco ao povo romano.
I	30	-Povo romano, na guerra contra helvécios, vingou antigas injúrias. - Gália e povo romano foram beneficiados com a guerra destes contra os helvécios.
I	31	-Laços de hospitalidade/amizade com o povo romano tornaram os éduos poderosos na Gália. -Éduos prometem aos germanos não implorar o auxílio do povo romano. -Gauleses necessitam encontrar auxílio junto de César e do povo romano: caso contrário teriam de abandonar seu país/ficar longe dos germanos. - Apenas César, pelo nome do

		povo romano, podia impedir os germanos de atravessar o Reno e defender a Gália contra Ariovisto.
I	33	-Dada a onipotência do povo romano, era uma vergonha para César e para a República os éduos estarem sob o jugo dos germanos. -Era um perigo para o povo romano os germanos atravessarem o Reno e virem para a Gália (poderiam chegar à Itália).
I	34	Ariovisto acredita que não tem questões a tratar com César ou com o povo romano: a Gália era sua.
I	35	- Ariovisto recebeu benefícios de César e do povo romano durante seu consulado (título de rei e de amigo pelo Senado). -Se agisse segundo as ordens de César, Ariovisto conservaria seu favor e a amizade sua e do povo romano. - Se Ariovisto não acatasse César, este protegeria os éduos e outros amigos do povo romano.
I	36	-Ariovisto: povo romano não tinha hábito de se dirigir a outrem, só a si próprio, para dispor dos vencidos. -Ariovisto: César não prescrevia ao povo romano o uso que devia fazer do seu direito. -Ariovisto: não era conveniente que o povo romano interferisse no uso do direito de Ariovisto. -Se os éduos respeitassem as ordens dos germanos, não seriam vítimas de guerra injusta; se desobedecessem os germanos de nada serviria aos éduos o título de irmãos do povo romano.
I	40	-Ariovisto, durante consulado de César, procurou a amizade do povo romano. -Quando Ariovisto conhecesse os pedidos e as condições de César, não renunciaria à amizade de César nem à do povo romano.
I	42	César tem esperança de que os benefícios recebidos da sua parte e da parte do povo romano acalmarão Ariovisto.
I	43	-Hábito do povo romano querer que seus aliados mantenham seu poder e prosperem.

		-Amizade do povo romano em relação aos aliados.
I	44	<p>-Ariovisto acredita que a amizade do povo romano deve proporcionar a ele honra/apoio, não prejuízo.</p> <p>-Possibilidade do povo romano tirar de Ariovisto seu tributo da parte dos vencidos.</p> <p>-Ariovisto renunciaria à amizade do povo romano.</p> <p>-Ariovisto veio à Gália antes do povo romano.</p> <p>-Até então nenhum exército do povo romano atravessou a fronteira da Gália.</p> <p>-Na guerra contra os alóbroges, os éduos não ajudaram os romanos e não receberam auxílio do povo romano nas suas disputas com Ariovisto e com os sequanos.</p> <p>-Se César não se afastasse do território ocupado por Ariovisto, este trataria aquele como inimigo: se matasse César agradaria muitos nobres e chefes políticos do povo romano (se matasse César receberia a amizade deles).</p>
I	45	<p>-Não era hábito de César nem do povo romano abandonar os aliados.</p> <p>-César não acredita que a Gália pertença mais a Ariovisto do que ao povo romano.</p> <p>-Os arvernos e os rutenos foram vencidos por Quinto Fábio Máximo e o povo romano lhes perdoou sem reduzi-los a província e sem impor tributo.</p> <p>-Segundo os direitos de antiguidade, o domínio do povo romano sobre a Gália estava justificado.</p>
II	1	<p>-Belgas coligam-se contra o povo romano.</p> <p>-Dificuldade em suportar um exército do povo romano na Gália.</p>
II	3	<p>-Remos colocavam-se sob proteção do povo romano.</p> <p>-Remos não partilharam o sentimento dos outros belgas nem conspiraram contra o povo romano.</p>
II	13	Anciãos belovacos estendem as mãos para César e se põem à sua discrição, pois não lutariam

		contra o povo romano.
II	14	Belovacos, aliados dos éduos, afastaram-se destes graças a seus chefes e empunharam armas contra o povo romano.
II	15	Nervios censuravam os outros belgas por terem se entregado ao povo romano.
II	31	Súplica à César: não tirar as armas dos atuáticos, pois seus vizinhos eram seus inimigos (sem armas não poderiam se defender – preferiam então sofrer do povo romano a sorte que fosse).
II	32	César imporia aos vizinhos dos atuáticos que não atacassem um povo que se rendeu ao povo romano.
II	34	César é informado por Públio Crasso que diversos povos estavam sob domínio/poder do povo romano.
III	23	Chefes bárbaros, que antigamente serviram sob ordens de Quinto Sertório, têm a maneira do povo romano de organizar a guerra.
IV	7	Germanos não pretendem começar uma guerra contra o povo romano, mas não recusarão a luta se forem atacados.
IV	16	-César quer mostrar aos germanos que um exército do povo romano podia e ousava transpor o Reno. -César envia embaixadores aos sugambros para pedir que lhes entregassem os que provocaram guerra contra ele e contra os gauleses: tem como resposta que o império do povo romano acabava no Reno (não tinha autoridade além do Reno). -Úbios (viviam além do Reno), amigos de César, pediam sua ajuda contra os suevos: no mínimo transportar seu exército além do Reno, pois só a constatação de que eram amigos do povo romano lhes garantiria segurança.
IV	17	César decide atravessar o Reno, mas a travessia em barcos (oferecidos pelos úbios) parecia insegura e uma indignidade para si e para o povo romano (prefere construir ponte).
IV	21	-Povos da Bretanha decidem

		<p>submeter-se ao império do povo romano ao saber do projeto de Caio Voluseno (enviado por César) de reunir navios.</p> <p>-Caio ordena a Comio (foi feito rei dos atrebates após vitória de Caio) que vá com os bretões para exortar muitos povos a aliarem-se ao povo romano.</p>
IV	22	Morinos pedem desculpas a César pela conduta belicosa do passado (lutaram contra o povo romano). Submetem-se.
V	3	O tréviro Cingetorix garante lealdade a César: respeitariam a amizade do povo romano.
V	22	Cesar exige reféns e fixa tributo que a Bretanha pagaria anualmente ao povo romano.
V	27	Ambiorix reconhecia que não era capaz de vencer o povo romano com suas forças.
V	28	Não era possível acreditar que uma nação fraca como a dos eburões tivesse ousado por si mesmo fazer guerra ao povo romano.
V	29	Gália em fogo por se ver reduzida a suportar o jugo do povo romano.
V	41	-Chefes nerviosos não tinham intenções más em relação a Cícero e ao povo romano. -Não era uso do povo romano aceitar condições de um inimigo armado.
V	54	-Estima de César por povos bárbaros que demonstraram antiga e constante fidelidade ao povo romano. -Foi algo muito penoso para os senones, considerando a antiga virtude guerreira, verem-se submetidos ao jugo do império do povo romano.
VI	1	Grande capacidade da disciplina e dos recursos do povo romano.
VI	7	Levantar o campo com mais barulho e tumulto do que o povo romano tem o costume de fazer.
VII	1	Homens que, com dificuldade, se viam submetidos ao poder do povo romano fazem projetos de guerra.
VII	17	Os soldados romanos, mesmo passando grandes dificuldades, não proferiram nenhuma palavra indigna da majestade do povo romano e das suas precedentes



		vitórias.
VII	33	Cesar temia que os éduos, uma nação tão poderosa e tão ligada ao povo romano, chegasse à violência e à guerra.
VII	39	Eporedorix: abandonar a amizade do povo romano é uma desgraça.